

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
2010

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2010

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2010

A programação deste primeiro trimestre do ano é marcada, em número e variedade de propostas, pela música.

Na música chamada “clássica”, teremos três recitais a solo, um por mês, sempre aos sábados e ao fim da tarde, no palco do Grande Auditório, com o público sentado em torno dos intérpretes. Joanna MacGregor, no piano, David Grimal, no violino, Tatjana Vassiljeva, no violoncelo, são todos músicos de excepção. Nos programas dos três recitais está presente o génio de J.S. Bach, a par de outras obras-primas absolutas da história da música e de peças de compositores contemporâneos. Serão três concertos que esperamos vão dar muito prazer a quem a eles assistir.

Em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, apresentamos ainda os dois concertos do 8º Workshop da Orquestra Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses. A orquestra é dirigida pela maestrina Joana Carneiro.

Este ano pedimos a Manuel Jorge Veloso – pioneiro do jazz em Portugal e um dos seus maiores divulgadores – que fizesse a escolha dos concertos de jazz do Grande Auditório. Para Janeiro, convidou o trio “dinamarquês” do pianista italiano Stefano Bollani, num concerto em que estarão muito presentes os temas do CD recentemente editado pela ECM, *Stone in the Water*, que teve excelente recepção crítica. Em Fevereiro virá o quinteto liderado pelo saxofonista Carlos Martins que reúne alguns dos melhores músicos portugueses e tocará temas do CD *Água*, considerado o melhor disco de jazz nacional de 2008. Em Março, será a altura de ouvir o

pianista norte-americano Fred Hersch, um talento raro, que já tocou, também a solo, em salas como o Carnegie Hall de Nova Iorque ou o Concertgebouw de Amesterdão.

No ciclo “Isto é Jazz?”, as escolhas de Pedro Costa incluem um duo com o guitarrista Joe Morris, um dos mais originais criadores da actualidade, com o consagrado contrabaixista Barre Phillips, e o trio The Fish, que pratica, com uma energia rock, o *free jazz* do século XXI. No espaço da Culturgest no Porto, comissariado por filho único, actuará o pianista Dave Burrell.

No ano passado tivemos a primeira edição de *Hootenanny*, um evento dedicado à música popular americana concebido por Ruben de Carvalho. Nessa altura foi a *folk* que esteve em foco, este ano serão os blues. Teremos quatro concertos excepcionais. No Grande Auditório, a abrir, o grupo de Corey Harris, o grande nome do blues contemporâneo. No Pequeno Auditório apresentar-se-ão o guitarrista Josh White Jr., filho do lendário Josh White, Elijah Wald, também cantor e guitarrista, para além de crítico e historiador, e o pianista Henry Butler, o “orgulho de Nova Orleães”, nomeado oito vezes para o prémio de melhor pianista do W.C. Handy Award, o mais prestigiado troféu da área do blues. Para além destes concertos, vamos ter duas sessões de cinema em suporte vídeo, de entrada gratuita. Na primeira, projecta-se uma montagem de filmes dedicados a Josh White comentados pelo seu filho; na segunda, é exibido o filme de ficção *Cadillac Records*, pretexto para Elijah Wald falar sobre Robert Johnson, o músico de blues que teve influência determinante na criação da técnica de guitarra que conduziria ao aparecimento do rock.

Ainda no capítulo da música, e no Pequeno Auditório, lugar ao guitarrista português Norberto Lobo, um músico singular, já com dois álbuns editados, e um número crescente de fãs por todo o país. No Grande Auditório, em duas datas seguidas, volta à Culturgest o genial Vinício Capossela, com o seu último espectáculo, *Solo Show*, que junta a música com figuras do circo. Um espectáculo mágico que tem enchido as dezenas de teatros por

onde tem passado, na Europa e nos Estados Unidos, de um público deslumbrado. Assim seja também entre nós.

Na dança apresentamos um solo de Aldara Bizarro, *Hanare*, criado com Francisco Camacho. Um regresso desta coreógrafa que ultimamente se tem dedicado sobretudo a espectáculos – maravilhosos, diga-se –, para o público jovem. A bailarina, coreógrafa e artista plástica italiana, radicada há anos em França, Claudia Triozzi, traz-nos também um solo de dança/*performance*, uma nova criação co-produzida pela Culturgest ao lado de entidades como o Centro Pompidou ou o Kunstenfestival des Arts, um dos melhores festivais de artes performativas da Europa.

Quanto ao teatro, começamos com um espectáculo da companhia holandesa Kassys, *Liga. 50% recompensa & 50% castigo*. Começa pelo fim, com um vídeo em que os actores se felicitam e consolam uns aos outros quando acaba o espectáculo, seguindo-se um “*flashback* ao vivo” em que assistimos ao espectáculo a que o vídeo se refere. Num equilíbrio precário entre imaginação, ficção e realidade, exhibe-se a beleza do sucesso e do fracasso humanos. Em colaboração com o Teatro Maria Matos apresentamos a Companhia húngara de Béla Pintér, grupo de Budapeste que produz uma obra singularíssima, tão contemporânea quanto influenciada pela arte popular húngara. À Culturgest vem *Ópera Camponesa*, em que um conto tradicional se transforma em ópera, misturando canções populares, música barroca e pop rock. O Maria Matos apresenta *A Louca, o Médico, os Discípulos e o Diabo*. Há um preço especial para quem compre bilhetes para os dois espectáculos. *Shoot the Freak* é o terceiro espectáculo de teatro deste trimestre, uma nova criação da companhia Cão Solteiro com André e Teodósio (ex-Praga), baseada no conto do flautista de Hamelin.

Programado e organizado pela Associação Zero em Comportamento, poderemos ver todas as oito grandes-metragens do realizador filipino Brillante Mendoza. Estes filmes, feitos nos últimos cinco anos, foram seleccionados e premiados nos

principais festivais internacionais e quase todos são inéditos entre nós. O realizador estará presente em cada sessão e fará uma *masterclass* de entrada gratuita.

Retomamos os ciclos de conferências semanais com três temas muito diversos, e todos eles aliciantes. Paolo Pinamonti volta a falar-nos de ópera, mas agora entrando “na oficina do teatro musical”. Delfim Sardo vem conversar sobre a arte do século XX partindo da análise de como a arte moderna veio desestabilizar a relação de crença nos processos de produção de imagens. António Câmara falar-nos-á sobre visões do futuro, ou como tecnologias que estão em desenvolvimento podem mudar radicalmente o nosso quotidiano.

Quanto às exposições, na Galeria 1 de Lisboa vamos ter a mais extensa e complexa apresentação da obra do artista belga Koenraad Dedobbeleer (n. 1975). Exibir-se-ão sobretudo objectos, esculturas e fotografias. Prosseguimos, com esta exposição e a que referimos de seguida, o nosso objectivo de dar a conhecer o trabalho de artistas excepcionais, praticamente desconhecidos em Portugal, com uma carreira internacional que não passa necessariamente pelas grandes instituições. Não mostramos o óbvio, nem o mais sonante, mas o mais urgente.

Na Galeria 2 poder-se-á ver a obra, constituída em grande parte por esculturas, do basco Asier Mendizabal, um dos artistas com que Dedobbeleer tem desenvolvido projectos expositivos. Na galeria do Porto, vai estar patente uma exposição de Alexandre Estrela, em que se dará a ver uma série de desenhos sobre fotocópia datados de 2003, pela primeira vez mostrados, e ainda duas obras recentes e inéditas.

Creemos, como sempre, que neste vasto conjunto de propostas possa encontrar algumas em que se reveja e que o levem a visitar-nos.

Programação

Nos bastidores da ópera

Por Paolo Pinamonti



Hanjo, ópera de Toshio Hosokawa © Elisabeth Carecchio

CONFERÊNCIAS

TERÇAS-FEIRAS
5, 12, 19, 26 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

No ciclo de conferências do ano passado fiz uma rápida viagem através dos vários significados que a *opera in musica* assumiu no curso da sua larga história. Procurei definir a especificidade de uma forma de teatro no qual as personagens, em vez de falar, cantam, cantam entre eles e cantam também quando reflectem consigo próprios, a sós; analisaram-se as complicadas relações entre palavra e música, entre os libretos e a partitura musical; tentou definir-se a particular capacidade narrativa duma ópera entre imitação e narração. Agora, no ciclo intitulado *Nos bastidores da ópera*, a ideia é a de entrar na oficina do teatro musical, enfrentando específicos temas deste fascinante mundo, o mundo da ópera lírica que, apesar do recorrente tema de uma crise que desde sempre a acompanha, manteve e mantém uma grande vitalidade.

“Canto, afecto, personagem” é o título da primeira conferência onde veremos como se irá definir a ideia moderna de personagem desde a retórica dos afectos até à coerência e à diferenciação dos diferentes papéis operáticos. Mozart e o seu teatro musical serão um capítulo importante desta história. Na segunda conferência, “A *Literaturoper*, quando desaparece o libretista” lidar-se-á com as consequências dramáticas da assunção de um texto literário, não pensado para o teatro lírico, como texto cantado duma ópera, desde o *Boris Godunov* de Mussorgsky e as suas diferentes versões até *Die Soldaten* de Zimmermann. Um dos temas mais debatidos na polémica operática de hoje em dia é a questão das ‘modernas’ encenações líricas que se vêem em todos os teatros europeus. Qual é o papel do encenador? Qual é a sua história? Podem definir-se limites ao seu trabalho? São algumas das perguntas às quais tentaremos dar uma resposta na terceira conferência. Na última palestra tentar-se-á analisar os diferentes modelos produtivos dos teatros europeus, os seus prós e os seus contras, com uma possível olhada para o futuro.

Paolo Pinamonti

Paolo Pinamonti (1958) é professor na Universidade Ca’Foscari de Veneza, foi Director Artístico do Teatro la Fenice de Veneza e Director do Teatro Nacional de São Carlos. É Director Artístico do Festival Mozart na Corunha.

5 de Janeiro
Canto, afecto, personagem

12 de Janeiro
A *Literaturoper*, quando desaparece o libretista

19 de Janeiro
O ‘teatro de encenação’, existe ou não uma tradição na encenação da ópera lírica?

26 de Janeiro
Teatro de repertório, teatro a stagione, festival: qual o futuro do teatro lírico?

In this year’s talks I go behind the scenes to examine specific operatic themes. The first talk looks at the modern idea of character. Mozart plays an important part in the story. The second deals with the dramatic consequences of taking a literary text not intended for lyric theatre, such as Mussorgsky’s *Boris Godunov* or Zimmermann’s *Die Soldaten*. The third asks whether there is a production tradition for opera, given today’s controversy over “modern” productions. Lastly, I shall look at the different European production models, with a possible eye to the future.

Paolo Pinamonti is now the artistic director of the Mozart Festival in La Coruña, Spain.

Joanna MacGregor



© Peter Williams

MÚSICA

SÁB 9 DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração: 1h15 com
intervalo · M12 · 10 Euros
Jovens até aos 30 anos:
5 Euros

Programa

**Bach e Chostakovitch:
Prelúdios e Fugas**

Bach: Prelúdio e Fuga nº1 em Dó M BWV 846;
Chostakovitch: Prelúdio e Fuga nº1 em Dó M; Bach: Prelúdio e Fuga nº2 em Dó m BWV 847;
Chostakovitch: Prelúdio e Fuga nº21 em Mi bemol M;
Bach: Prelúdio e Fuga nº8 em Mi bemol m BWV 853;
Chostakovitch: Prelúdio e Fuga nº15 em Ré bemol M; Bach: Prelúdio e Fuga nº15 em Sol M BWV 860; Chostakovitch: Prelúdio e Fuga nº5 em Ré M;
Chostakovitch: Prelúdio e Fuga nº8 em Fá sustenido m;
Bach: Prelúdio e Fuga nº24 em Si m BWV 869

Intervalo

Heitor Villa-Lobos
Prelúdio nº1
Choros nº1

Egberto Gismonti
Frevo

**Edu Lobo/
Vinicius de Moraes**
Canto Triste

**Antônio Carlos Jobim/
Vinicius de Moraes**
Insensatez

**Baden Powell/
Vinicius de Moraes**
Canto de Ossanha

Astor Piazzolla
(arr. De MacGregor)
Seis Tangos

Piano Joanna MacGregor

Pianista, compositora, maestrina, directora do Festival de Bath, Joanna MacGregor é uma das mais inovadoras artistas contemporâneas. Ao longo da sua carreira tem persistentemente criado pontes entre vários géneros musicais que desafiam as categorias tradicionais. Apresentou-se em mais de 60 países, em recitais ou acompanhada pelas melhores orquestras. Trabalhou com maestros como Pierre Boulez, Simon Rattle, Colin Davis ou Michael Tilson Thomas. Estreou obras emblemáticas de compositores que vão de Birtwistle a Django Bates, de John Adams a James MacMillan. Tocou com músicos de jazz, gravou com Talvin Singh, tocador de tabla e artista pop, viajou pela China com a companhia de dança contemporânea Jin Xing, de Xangai, para quem escreveu uma partitura combinando a música tradicional chinesa com música electrónica e filme. Em 2007 abriu o Festival de Jazz de Londres com Dhaffer Youssef, cantor árabe e virtuoso do *oud* e a Britten Sinfonia, num concerto que *The Times* classificou como “o futuro da música”. Gravou mais de 30 álbuns a solo, com obras de Bach, Scarlatti, Ravel ou Debussy, mas também de compositores contemporâneos e de músicos de jazz.

Em 2003 esteve no Festival Internacional de Música de Mafra.

No início de 2010, os CDs *Live in Buenos Aires* e *Goldberg Variations* de Bach, gravados no Mozarteum em Salzburg, serão editados pela Warner Classical and Jazz e distribuídos a pela etiqueta SoundCircus, que pertence à pianista.

O programa do recital deste fim de tarde é particularmente estimulante. Na primeira parte interpreta Prelúdios e Fugas de J.S. Bach retirados do 1º volume de *O Cravo Bem Temperado*, intercalados com os Prelúdios e Fugas que Chostakovitch escreveu em homenagem ao genial compositor alemão. A segunda parte é preenchida por bem conhecidos ritmos de dança do Brasil e da Argentina.

Sobre Joanna MacGregor visite www.soundcircus.com

Pianist, composer and conductor Joanna MacGregor is a great modern innovator. She has performed in over 60 countries, has worked with conductors such as Pierre Boulez, Simon Rattle, Colin Davis and Michael Tilson Thomas, and has debuted works by the likes of Birtwistle, Django Bates, John Adams and James MacMillan. She has played with jazz musicians, recorded with Talvin Singh, and toured China with the Jin Xing contemporary dance company. She has recorded over 30 solo classical albums, plus contemporary and jazz CDs. Early in 2010, *Live in Buenos Aires* and Bach's *Goldberg Variations*, recorded at the Mozarteum in Salzburg, will be released by Warner Classical and Jazz, now in partnership with the worldwide distribution of the SoundCircus label. Since 2006 Joanna MacGregor has been Artistic Director of Bath International Music Festival. This evening's recital will include fugues and preludes by Bach, interspersed with others by Chostakovitch written in honour of Bach, followed by Brazilian and Argentinean dance rhythms.

Stefano Bollani Trio

Stone in the Water

Programador:
Manuel Jorge Veloso



© Paolo Soriani

JAZZ

DOM 10
DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 18 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Piano Stefano Bollani
Contrabaixo Jesper Bodilsen
Bateria Morten Lund

Constituído há cerca de seis anos, este "trio dinamarquês" é uma das muitas formações através das quais, como líder ou *sideman* qualificado, o pianista italiano Stefano Bollani se tem afirmado no panorama actual do jazz internacional, gravando em 2009, pela primeira vez para a ECM, o álbum *Stone in the Water*, considerado pela crítica especializada um dos mais importantes do ano.

Nascido em Milão em 1972, Bollani começou desde muito novo a tocar piano como autodidacta mas aos 11 anos de idade matriculou-se no Conservatório de Florença. Desenvolvendo ali a sua formação musical académica e tendo-se graduado em 1993, o pianista interessou-se desde logo pelo jazz mas também pela música pop e pelas variedades, acompanhando vários cantores nesta área.

E foi o convite de Enrico Rava para fazer parte do seu grupo durante uma digressão a França que colocou o pianista na ribalta do jazz, iniciando então uma carreira imparável neste domínio, que já o levou a tocar em vários contextos e liderando os seus próprios grupos.

Possuidor de uma técnica pianística apurada, capaz dos maiores arrebatamentos líricos e de um fraseado virtuosístico impressionante, Bollani já participou em numerosos festivais em Itália e no estrangeiro, sendo habitualmente músico convidado de personalidades como Lee Konitz, Pat Metheny, Paolo Fresu, Phil Woods ou Gato Barbieri.

Neste concerto da Culturgest, será de esperar que o repertório de *Stone in the Water* esteja em primeiro plano, na diversidade das suas atmosferas, tão bem construídas pela criativa interacção de três músicos de excepção.

Sobre Stefano Bollani visite www.stefanobollani.com

This "Danish trio" is one of the reasons why Italian pianist Stefano Bollani has become a major international jazz musician. In 2009 they recorded the album *Stone in the Water*, which jazz critics hailed as one of the year's most important releases.

Born in Milan in 1972, Bollani taught himself piano from an early age, but at 11 he entered the Florence Conservatory. Later, Enrico Rava invited him to join his group on tour, and since then his jazz career has been unstoppable as both a group leader and sideman.

His playing is lyrical and virtuosic, and he has guested for the likes of Lee Konitz, Pat Metheny, Paolo Fresu, Phil Woods and Gato Barbieri. At Culturgest, *Stone in the Water* is likely to feature heavily.

HANARE

De Aldara Bizarro
e Francisco Camacho



© António Rebelo

DANÇA

SEX 15, SÁB 16
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 15 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Direcção e criação Aldara Bizarro e Francisco Camacho
Interpretação Aldara Bizarro **Música** Nuno Rebelo
Figurinos e espaço cénico Carlota Lagido
Apoio à criação Ainhoa Vidal e Dina Mendonça
Desenho de luz Carlos Ramos **Fotografia** António Rebelo
Produção Jangada de Pedra **Produção Executiva** Andrea Sozzi e Rita Vieira **Co-Produção** Centro Cultural Vila Flor, Culturgest, Teatro Aveirense e EIRA **Apoios** Clube Nacional de Ginástica, Delta Cafés, Paulo Vieira Cabeleireiros, Alcan Packaging e Backlight **Agradecimentos** Federação Portuguesa de Atletismo – Luís Carlos Moreira, Alzira Lário, Leonor Carneiro, Paula Caruço
A Jangada de Pedra é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes

Uma força que vem do nosso centro para outro centro: o nosso objecto de desejo. Dois pontos em contacto, numa força centrífuga. E no meio, o fazer, a acção e o corpo que se move com questões. A vontade seria branca como uma evidência se tivesse cor.

De onde vem esta força? O que nos faz lutar, querer, continuar, todos os dias?

No tiro com arco japonês, 'Hanare' é o momento do libertar da flecha. O momento do disparo não deve ser procurado, mas sim, surgir naturalmente quando for o momento certo.

É desta forma que *Hanare* surge na carreira de Aldara Bizarro. No seu regresso ao palco, a solo. No seu convite a Francisco Camacho e a Nuno Rebelo, que marcaram a sua carreira como bailarina. Na continuidade do trabalho desenvolvido enquanto coreógrafa. Um ponto comum neste percurso: intimismo.

A force passing from our centre to another centre: our object of desire. Two points in contact, in centrifugal force. And in the midst, action and a questioning body.

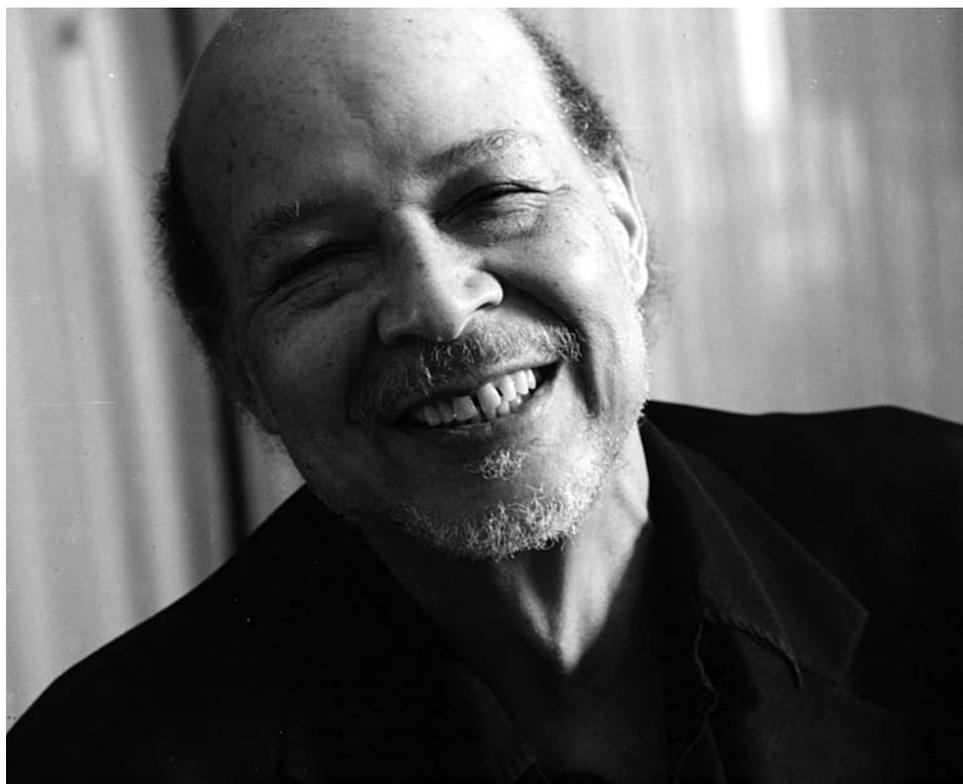
Where does this force and strength come from? What makes us fight, want and carry on, every day?

In Japanese archery, 'hanare' is the moment at which the arrow is released. That moment should not be sought, but should arise naturally when the time is right.

That is how *Hanare* arose in the career of Aldara Bizarro, in her solo return to the stage; in her invitation to Francisco Camacho and Nuno Rebelo, who had a marked effect on her dance career; and in the continuity of her work as a choreographer. There has been one common point along this road: intimacy.

Dave Burrell

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



JAZZ

SEX 15
DE JANEIRO

CULTURGEST PORTO
22h00 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto - Galeria, na Avenida dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Piano Dave Burrell

Dave Burrell é dono de um vocabulário que percorre a história do jazz desde as suas raízes, o *gospel*, o *blues*, até às suas manifestações mais vanguardistas. É habitual vê-lo articular com a maior fluidez a aparente simplicidade de um *boogie* ou do *ragtime* com um trabalho rítmico, abstracto, metafísico, tributário tanto de Jelly Roll Morton como de Coltrane ou Leonard Bernstein.

Desde os seus tempos de estudante na escola de música de Berklee, atravessando a revolução do *free* e do jazz de vanguarda de Nova Iorque dos anos de 1960, até ao seu cruzamento com os músicos de Chicago do AACM (Association for The Advancement of Creative Musicians, criada em 1965 em torno de um grupo de músicos liderado pelo pianista Muhal Richard Abrams) em Paris pós Maio de 1968, até ao tempo presente, Burrell tem-se mantido, com altos e baixos de notoriedade, como um dos grandes pianistas da história do jazz.

Depois de uma fase de cerca de dez anos de relativo afastamento público, volta aos palcos estimulado pelo saxofonista David Murray no final da década de 1980. Ao longo da sua extensa carreira, Burrell participou em mais de 115 gravações, 30 das quais como líder.

Neste concerto apresenta, além de algumas das suas composições mais importantes, um repertório de vários *standards* de Gershwin, Monk ou Ellington, que vem revisitando e desconstruindo há décadas. Um solo de piano que funciona como uma preciosa oportunidade para ver a história da música de um país reinventar-se perante nós pelas mãos de quem tem ajudado a defini-la.

Sobre Dave Burrell visite www.daveburrell.com

Dave Burrell's vocabulary spans the whole history of jazz. It is not unusual for him to flow from the seeming simplicity of boogie or ragtime into a rhythmic, abstract, metaphysical passage, influenced as he is by Jelly Roll Morton, Coltrane and Leonard Bernstein.

Throughout his career, from student days through the New York avant-garde and free jazz revolution of the '60s to the present day, Burrell has always been one of the greatest jazz pianists. During his long career he has played on over 115 recordings, 30 of which as band leader.

At Culturgest he will revisit and deconstruct a range of standards - a chance to see one country's jazz history being reinvented before our eyes by a man who helped to define it.

Brillante Mendoza

CINEMA

DE QUA 20 A SÁB 23
DE JANEIRO

Pequeno Auditório
M16 · 3,5 Euros (preço único)

Programação

Zero em Comportamento,
Associação Cultural

Chegado relativamente tarde à realização (assinou o seu primeiro filme quando já tinha ultrapassado os 40 anos de idade, depois de uma carreira profissional como *production designer* em produções publicitárias, televisivas e de cinema), o filipino Brillante Mendoza

irrompeu de forma fulgurante no panorama do cinema mundial com uma série de oito longas metragens feitas nos últimos cinco anos, todas elas seleccionadas e premiadas nos principais festivais internacionais. Sendo parte integrante do assinalável ressurgimento artístico da cinematografia do seu país desde há meia dúzia de anos, a obra de Mendoza distingue-se pela vigorosa reinvenção da principal herança do cinema moderno filipino dos anos 1970 e 1980 (que teve em Lino Brocka o seu nome mais significativo): o singular cruzamento do drama social realista com o melodrama e outros géneros populares. Partindo desse modelo, a obra de

Mendoza tem falado de forma absolutamente contemporânea do seu país e das questões sociais, políticas, religiosas e de género (o questionamento das identidades sexuais é um subtema constante) que o atravessam. Isto em ficções que operam sempre, em primeiro lugar, de forma directa a nível narrativo (nesse sentido, o seu é um cinema bastante mais “acessível”, sem ser menos interessante, que o dos seus colegas Lav Diaz, Raya Martin ou Khavn de la Cruz).

Esta retrospectiva é a mais completa feita até à data sobre uma obra que está ainda longe de estar perfeitamente definida, mas cujas singularidade e relevância são já incontornáveis.

Mendoza estará em Lisboa para acompanhar o programa, apresentar as sessões dos seus filmes, quase todos absolutamente inéditos entre nós e apresentar uma masterclass.

The Philippine Brillante Mendoza's career as a director began late. He made his first film when he was over 40 after a career as a production designer. But he has had a huge impact on world cinema with eight feature films directed over the last five years, all of which have been selected and won awards at the top international film festivals. His work reinvents modern Philippine cinema, blending realistic social drama with melodrama and other popular forms. It deals with its country's social, political, religious and gender issues (sexual identity is a constant underlying theme).

This retrospective is the most complete so far. Mendoza will be in Lisbon to present the films. Most of them will be shown in Portugal for the first time.

Quarta-feira 20 21h30

Lola, Filipinas/França, 2009, 1h55, versão original com legendas em português e inglês
Duas anciãs. Uma perdeu o neto, a outra é a avó do assassino. Cada uma delas é obrigada a lidar com a trágica ocorrência para tentar prosseguir com a sua vida.

Quinta-feira 21 18h30

Masahista, Filipinas, 2005, 1h20, versão original com legendas em português e inglês
Iliac é um jovem massagista com uma clientela predominantemente gay. No salão de mas-

sagem, o sexo é um elemento sempre presente nas relações entre os funcionários e os seus clientes.

21h30

Manoro, Filipinas, 2006, 1h15, versão original com legendas em português e inglês
Numa remota comunidade situada nas montanhas vulcânicas das Filipinas, uma jovem professora ensina adultos e idosos a ler e a escrever para poderem participar nas eleições presidenciais que se aproximam.

Sexta-feira 22 18h30

Kaleldo, Filipinas, 2006, 1h30, versão original com legendas em português e inglês
Numa família marcada pela figura de um pai autoritário e conservador, três irmãs procuram conquistar a sua autonomia enquanto jovens adultas, entrando em choque com a tradição familiar e religiosa.

21h30

John John, Filipinas, 2007, 1h38, versão original com legendas em português e francês
Num bairro-de-lata de Manila, uma mulher é contratada para tomar conta de órfãos a aguardar adopção. O pequeno John John é deixado aos seus cuidados.

Sábado 23 16h00

Tirador, Filipinas, 2007, 1h38, versão original com legendas em português e inglês
Num bairro comercial de Manila, jovens delinquentes procuram fazer pela vida. À sua volta, os restantes moradores lidam com as dificuldades de mais um dia no quotidiano febril da capital filipina.

18h30

Serbis, Filipinas, 2008, 1h34, versão original com legendas em português e inglês
A família Pinela dirige e habita um cinema pornográfico no centro de Manila que já conheceu melhores dias. Enquanto decorre a actividade diária das sessões, espectadores, prostitutas e elementos da família cruzam-se nos corredores e átrios do cinema.

21h30

Kinatay, Filipinas, 2009, 1h45, versão original com legendas em português e inglês
Um jovem formando da academia de polícia tenta melhorar a sua situação financeira, trabalhando como segurança privado em negócios duvidosos. Acaba implicado num ajuste de contas envolvendo uma prostituta.

Masterclass

Sexta-feira 22, 15h00

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Integrada neste ciclo, será apresentada uma masterclass conduzida pelo realizador Brillante Mendoza e pelo seu produtor Ferdinand Lapuz. O tema será a produção e realização de cinema independente nas Filipinas. Esta iniciativa é em especial destinada a estudantes de cinema e jovens profissionais da área.



Manoro

Comunidade de Leitores

A Reivindicação do Amor

Por Helena Vasconcelos



Detalhe de *O Rapto de Proserpina* de Gian Lorenzo Bernini, 1621-22

LEITURAS

QUI 21 DE JANEIRO
QUI 4 E 18 DE FEVEREIRO
QUI 4 E TER 16 DE MARÇO
QUI 1 DE ABRIL

Sala 5 · 18h30
Inscrições até 15 de Janeiro
(limite 40 pessoas) na
bilheteira da Culturgest,
pelo telf. 21 7905155, pelo
fax 21 7905154 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Qui 21 de Janeiro
Romeu e Julieta
William Shakespeare,
Ed. Europa-América

Qui 4 de Fevereiro
As Ligações Perigosas
Choderlos de Laclos,
Ed. Relógio D'Água

Qui 18 de Fevereiro
O Vermelho e o Negro
Stendhal,
Livreria Clássica Editora

Qui 4 de Março
Werther
Johann Wolfgang von Goethe,
Guimarães Editores

Ter 16 de Março
O Fardo do Amor
Ian McEwan, Ed. Gradiva

Qui 1 de Abril
O Amor nos
Tempos da Cólera
Gabriel Garcia Marquez,
Ed. Dom Quixote

*O que é o Amor? Perguntem a quem vive o que é a vida;
perguntem a quem adora o que é Deus?*
in *Sobre o Amor* Percy Shelley

O Amor, tal como o entendemos no mundo ocidental, só apareceu na nossa cultura a partir do século XI, na forma do celebrado “amor cortês”. É o que propõe Denis de Rougemont no clássico *O Amor e o Ocidente*, partindo do mito de Tristão e Isolda. Secundado, mais drasticamente, pelo autor católico C.S. Lewis em *A Alegoria do Amor* (1936) e por outros pensadores, Rougemont conjuga todas as formas do verbo amar, do amor-paixão ao amor-gosto, do amor físico ao amor-vauidade, passando pelos inúmeros autores que, em Poesia, Romance ou Teatro – para não falar do discurso filosófico – continuam indefinidamente a recriar o sentimento amoroso. Mas o que fazer de textos anteriores como *Fedro* de Platão, como os fragmentos de poemas inflamados de Safo ou como a obra de Ovídio, tão profundamente ligada à celebração do Amor? Sabemos que a influência dos grandes pares míticos – Tristão e Isolda, Heloísa e Abelardo, Romeu e Julieta, Dante e Beatriz, Dom Quixote e Dulcinea – ou de grandes amadores como Don Juan, Casanova ou Sade, se faz sentir até aos dias de hoje. Os maiores poetas de todos os tempos – Shakespeare e Camões, por exemplo – foram, também, grandes amantes e o Amor nunca abandonou o curso existencial do ser humano: tem estado presente em batalhas e revoluções, em arroubos místicos e carnavais, faz o papel de Musa e serve de álibi para actos reprováveis. Nos nossos dias, teóricos como Allan Bloom e, mais recentemente, Christina Nehring – que, no seu apaixonado *Uma Reivindicação do Amor para o século XXI*, se rebela contra o que lhe parece um desinteresse por esse sentimento, abafado por uma cultura consumista e imediatista – têm continuado a analisar os grandes textos da Literatura amorosa. Para deslindar este longo e tortuoso percurso – do mito à apropriação burguesa, do sentimento romântico ao materialismo do século XX – esta Comunidade de Leitores irá debruçar-se sobre alguns dos clássicos do género.

Helena Vasconcelos

*What is Love? Ask him who lives, what is life;
ask him who adores, what is God?*
Percy Shelley

According to Denis de Rougemont in *Love in the Western World*, love as we understand it in the West only appeared in our culture in the 11th century, with the myth of Tristan and Isolde. He covers countless authors who continue to recreate the sentiment of love in poetry, romance, theatre and philosophy. But what should we make of Plato's *Phaedrus*, Sappho's poetry, or the work of Ovid which celebrate love? Tristan and Isolde, Romeo and Juliet, Don Quixote and Dulcinea, and great lovers like Don Juan, Casanova and Sade still resonate. This Comunidade de Leitores will look at some of the classics dealing with the subject.

LIGA

50% reward
& 50% punishment

50% recompensa
& 50% castigo

Um espectáculo de Kassys



© AX710

TEATRO

QUI 21, SEX, 22, SÁB 23
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 15 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Espectáculo ao vivo em
inglês; filme em neerlandês
com legendas em inglês

*Cada um dos actores
aperfeiçoou a arte de ser
falsamente espontâneo e
deliberadamente desajeitados.
Os relances furtivos e os gestos
postos e repostos em causa
conduzem-nos inelutavelmente
à ideia de que "representar de
forma natural" - em cena ou
no grande teatro do mundo - é
não só um fardo opressivo mas
uma contradição nos termos.
Christopher Grobe, The Village
Voice, 13 de Janeiro de 2009*

Actores Thijs Bloothoofd, Harm van Geel, Esther Snelder,
Marc Stoffels and Willemijn Zevenhuijzen

Encenadora, actriz Liesbeth Gritter

Coordenação, assistência de encenação Mette van der Sijs

Técnico, actor Klaas Paradijs **Estreia** Novembro de 2006

LIGA começa pelo fim. Num vídeo vemos como os altos e baixos do recém-terminado espectáculo são revividos pelos actores que entusiasticamente se felicitam e consolam uns aos outros. De modo profissional, ocultam-se as experiências negativas e negam-se as desilusões.

Segue-se o espectáculo ao vivo. Recuamos no tempo. Neste "flashback ao vivo", observamos cinco personagens: são jovens e facilmente influenciáveis, a necessidade humana de aceitação torna-as susceptíveis de manipulação. Rapidamente aprendem a agradar e a "fazer de conta". E são bem-sucedidas - mas isso já tínhamos visto no vídeo.

Kassys é uma iniciativa teatral de Liesbeth Gritter e Mette van der Sijs, sediada em Amesterdão e fundada em 1999. Fazem espectáculos que combinam teatro e cinema, (ab)usando (d)os códigos destes meios e colocando-os lado a lado.

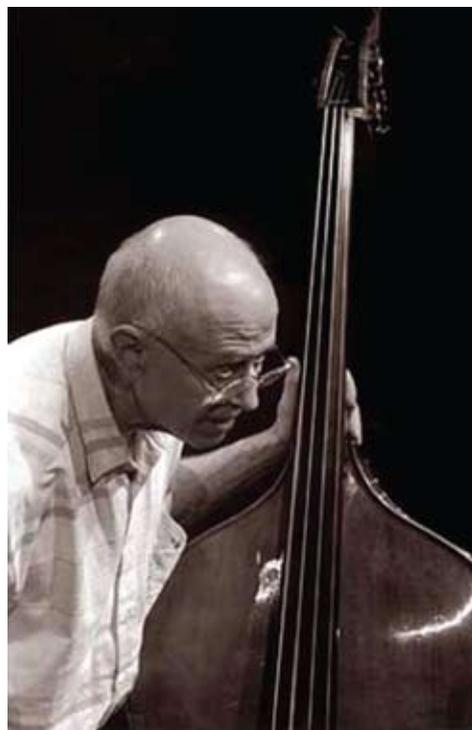
Num equilíbrio precário de imaginação, ficção e realidade (representada), Kassys exhibe a beleza do sucesso e fracasso humanos. O mecanismo do comportamento humano é fonte de interminável inspiração. Submetem-se a espontaneidade aprendida, a falta de vergonha e a obediência a uma observação precisa. As diferenças e semelhanças entre "sermos nós próprios" e "fazermos de conta" são anatomizadas e dolorosamente exibidas. O que sobra é uma representação desencantada onde pessoas normais tentam lidar com situações extraordinárias e desconfortáveis. Auto-irrisão, humor, reconhecimento, olho para o detalhe e voyeurismo são conceitos que se aplicam ao trabalho de Kassys.

LIGA starts with the end. On a video we see how the highs and lows of the just-completed performance are re-lived as the actors enthusiastically congratulate and console each other. In a professional manner the negative experiences are being stashed away and disappointments denied. The live show follows. We go back in time. In this "live flash back" we observe five characters: they're young and easily influenced, the human need to conform makes them susceptible to manipulation. With rapid speed they learn how to please and how "to pretend." And they succeed - but we had already seen that in the video.

Kassys (Amsterdam) makes shows in which theater and film are combined. Balancing on a thin line of imagination, fiction and (acted) reality, Kassys displays the beauty of human success and failure. The differences and the similarities of "being yourself" and "pretending" are anatomized and painfully displayed. What's left over is a disillusioned representation in which ordinary people try to cope in extraordinary and uncomfortable situations.

Joe Morris e Barre Phillips

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



JAZZ

SEG 25
DE JANEIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Guitarra Joe Morris
Contrabaixo Barre Phillips

Depois de abrir um novo capítulo na sua brilhante carreira, gravando o emblemático CD quádruplo com Anthony Braxton, *Four Improvisations (Duo) 2007* (Clean Feed, 2008), Joe Morris prossegue os seus encontros com os mais originais criadores da actualidade, agora com o contrabaixista Barre Phillips, um dos mais importantes nomes da música improvisada das últimas décadas. Em conjunto gravaram *Elm City Duets 2006*, também para a Clean Feed (2008).

Nessa gravação, a música foi criada espontaneamente, num clima de respeito mútuo, por estes excepcionais improvisadores. Joe Morris é uma das mais relevantes figuras da actual cena *avant-garde* mundial, Barre Phillips é um músico de culto e figura histórica que tocou com os maiores, de Jimmy Giuffre a Eric Dolphy e Archie Shepp.

A admiração de Joe Morris por Barre Phillips transparece muito claramente no texto que escreveu para o álbum *Elm City Duets*. Mas essa admiração não o coloca numa posição de reverência ou de passividade quando toca com Phillips. O que se ouve no disco, e certamente acontecerá neste concerto, é um diálogo vivo entre dois iguais com contribuições incisivas de cada um deles.

Joe Morris nasceu em 1955, começando a tocar guitarra aos 15 anos. Participou em mais de 70 gravações, muitas das quais têm sido nomeadas como Disco do Ano por diversas publicações como *Village Voice*, *Chicago Tribune*, *Wire*, *Coda*, e *Jazziz*.

De entre os muitos músicos com quem trabalhou podem citar-se Anthony Braxton, William Parker, Matthew Shipp. Barre Phillips, Dewey Redman, Andrew Cyrille, Kidd Jordan, Fred Hopkins ou Ken Vandermark.

Barre Phillips é conhecido como uma lenda do contrabaixo contemporâneo. Foi o primeiro contrabaixista a gravar um disco a solo neste instrumento (*Journal Violone*, Opus One, 1968) e com Dave Holland gravou o primeiro disco em duo de contrabaixos (*Music For Two Bases*, ECM 1971). É um dos mais importantes nomes do *free jazz* e da música improvisada dos últimos 40 anos. Participou em mais de 150 gravações, 40 das quais enquanto líder.

Sobre Joe Morris visite www.joe-morris.com

After beginning a new chapter in his career with the CD *Four Improvisations (Duo) 2007*, Joe Morris is continuing his encounters with today's most original artists: this time Barre Phillips, with whom he released *Elm City Duets 2006* in 2008. Morris is a world leader in *avant-garde* jazz and Phillips is a cult figure who has played with the greats. Morris is a big admirer of Phillips, and the concert will be a living dialogue between two peers, both making incisive contributions to the night's music.

Joe Morris was born in 1955 and has appeared on over 70 recordings, many of them being named album of the year.

Barre Phillips is a contemporary double-bass legend, and the first to record a solo album on the instrument.

Hootenanny

Comissário:
Ruben de Carvalho



MÚSICA / CINEMA

SÁB 30 DE JANEIRO,
SEG 1, TER 2, QUA 3, QUI 4,
SEX 5 DE FEVEREIRO

Tecnicamente, trata-se de uma estrutura musical de doze compassos divididos em três frases de quatro compassos que se organizam em torno de três acordes (tónica, subdominante, dominante) alternando a voz ou o instrumento segundo um esquema AAB marcado pela alteração da terceira e sétima nota da escala diatónica (notas blue) cuja origem é habitualmente atribuída à influências das escalas pentatónicas africanas.

Podem ser assim ou não exactamente assim, porque nos blues o essencial são os intérpretes.

Os blues têm uma data de nascimento oficial: 14 de Fevereiro de 1929, quando a editora discográfica Okeh lançou um disco de Mamie Smith com um tema intitulado *Crazy Blues*. Passou-se isto em Nova Iorque, mas toda a gente está de acordo que os blues se formaram antes, ao longo do século XIX, entre a população negra dos estados do Sul, com destaque para o delta do Mississippi, a que o musicólogo Alan Lomax chama «a terra onde os blues começaram».

Foi também a Lomax que o cantor de blues Leadbelly explicou: «Quando lá pela noite dentro andas dum lado para o outro e nada te deixa contente, fazas o que fizeres, então os Velhos Blues apanharam-te».

Em 2009 o Hootenanny foi dedicado a um dos berços da folk branca, as montanhas Apalaches; em 2010 procuraram o que Duke Ellington chamou a «*folk music* do povo negro», os blues. Começaram no Delta, mas, da Louisiana a Chicago, da pop ao rock, com passagem pela música erudita, são hoje uma influência essencial de toda a música popular, em particular, naturalmente, da que se faz nos Estados Unidos.

Falar-se-á de duas figuras essenciais da história, Josh White e Robert Johnson. Veremos imagens e filmes, ouviremos falar deles, escutaremos a sua música pela voz autorizada de biógrafos: Josh White Jr. e Elijah Wald. Josh White Jr. fará ainda um *workshop* dedicado à técnica única de guitarra do seu pai. Ouviremos um dos mais prestigiados jovens pianistas de blues, Henry Butler e o grupo do guitarrista Corey Harris, um dos mais importantes expoentes da cena de blues actual.

Ouvir-se-á essa estranha e sensual sedução da *devil's music*, da música do diabo – dos blues.

The blues have a 12-bar musical structure of three four-bar phrases and three chords. But what really counts is the performer. “Officially”, the blues were born on 14 February 1929, when Mamie Smith released a track called *Crazy Blues*. But all agree that it emerged long before that date, in the Mississippi Delta. It may have begun there, but it now influences all popular music.

At Hootenanny you can see pictures, watch films, and listen to the biographers of two essential bluesmen: Josh White Jr. for Josh White and Elijah Wald for Robert Johnson. Josh White Jr. will also hold a workshop on his father's guitar technique, and there will be performances by blues pianist Henry Butler, and Corey Harris's group.

Corey Harris & The Rasta Blues Experience



© Aaron Hawkins

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

SÁB 30
DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 18 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Teclados Christopher Whitley
Voz, guitarra Corey Harris
Bateria Kenneth Joseph
Baixo Donovan Marks
Saxofone Gordon Jones

Um disco ouvido aos 12 anos com a mãe traçou a vida de Corey Harris. Na casa de Denver onde nasceu a 21 Fevereiro de 1969, uma lenda do blues enchia o ar de sons: Lightnin' Hopkins. Iniciou assim um percurso que o levou desde os blues mais tradicionais até às mais contemporâneas expressões do género.

Formado em Antropologia, Corey Harris esteve nos Camarões, África, para uma pós-graduação em linguística e aí estudou as polirritmias

complexas da música local. De regresso aos EUA começou a tocar profissionalmente em clubes de Nova Orleães.

Em 1995 gravou o primeiro disco para a Alligator. *Between Midnight and Day* é um álbum a solo, em torno do seu virtuosismo nas inúmeras variantes dos *Delta Blues*, o suficiente para ser apontado como um valor importante da nova geração de músicos de blues de invulgar versatilidade e cultura.

Em 1997 grava *Fish Ain't Bitin'*, onde mistura nas suas composições uma secção de sopros ao estilo típico de Nova Orleães. No ano seguinte colabora com a dupla Billy Bragg/Wilco no projecto *Mermaid Avenue*, em torno da música de Woody Guthrie. Em 1999 grava *Greens from the Garden* com o pianista Henry Butler, que muitos críticos consideraram ser o seu trabalho mais importante e onde os blues se misturam com o funk, R&B e até com reggae e hip-hop. No ano seguinte volta a gravar com Butler o soberbo álbum de blues do Delta intitulado *Vu-Du Menz*.

Na nova editora, a Rounder, regista em 2002 *Downhone Sophisticate*, de sonoridade eléctrica e onde explora influências africanas e latinas; seguem-se o maravilhoso *Mississippi to Mali* em 2003 e *Daily Bread* em 2005.

Uma viagem à Jamaica acaba por ser decisiva para o som dos dois álbuns que se seguem, ambos para a Telarc: *Zion Crossroads* em 2007 e *Blu, Black*, já em 2009.

Corey Harris é o protagonista de um dos episódios da série televisiva *Blues*, produzida por Martin Scorsese.

At 12 years old, Corey Harris heard a record with his mother, and he came alive. His Denver home was filled with the sounds of legendary Lightnin' Hopkins.

While a student he went to Cameroon, where he studied the complex polyrhythms of the local music.

His first album was *Between Midnight and Day*, a solo album of delta blues music. He went on to record the *Fish Ain't Bitin'* CD, and then worked with Billy Bragg and Wilco on the *Mermaid Avenue* project based on the music of Woody Guthrie. Many consider his best work to be 1999's *Greens from the Garden*. His usual band is Corey Harris (guitar/vocals), Chris "Peanut" Whitley (keyboards), Gordon Jones (saxophone), Ralph Doulour (bass) and Ken Joseph (percussion).

Josh White



Josh White & Josh White Jr., 1951

CINEMA CICLO HOOTENANNY

SEG 1
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h15
M12 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

O cantor e guitarrista Josh White (1914-1969) assume importante papel na história dos blues por três particulares motivos: em primeiro lugar, o seu talento como cantor e a sua criatividade enquanto guitarrista, responsável por um estilo que viria a influenciar decisivamente gerações de músicos; em segundo, a partir do início dos anos 30, White

foi dos primeiros músicos afro-americanos a conquistarem projecção junto do público branco participando em filmes, espectáculos da Broadway e na rádio; em terceiro, White protagonizou as primeiras colaborações entre músicos negros e brancos ao ligar-se ao grupo reunido em torno da editora Folkways e onde se destacavam figuras como Pete Seeger, Woody Guthrie, os Lomax.

A sua participação na intervenção política deste grupo, especialmente no período do *New Deal* de Roosevelt (de quem foi amigo pessoal) e da II Guerra, levaram-no às malhas da «caça às bruxas» do senador McCarthy. Contrariando o conselho de amigos igualmente perseguidos - nomeadamente o cantor Paul Robeson - White aceitou a testemunhar perante a Comissão de Actividades Anti-americanas o que o levou

a ser criticado à esquerda pelo que era considerada uma cedência, sem que tal tenha impedido de ser colocado na lista negra e ver a sua carreira cortada pelo ostracismo das editoras e produtores, que só teve fim em 1963, com o convite do presidente John Kennedy para com ele participar num programa da CBS sobre os direitos cívicos.

A vida e obra de Josh White será contada com a projecção de documentários e registos de concertos especialmente cedidos para o Hootenanny por seu filho, o cantor Josh White Jr. que os comentará e ilustrará musicalmente.

Singer and guitarist Josh White (1914-1969) holds an important place in the history of the blues for three reasons: firstly his talent as a singer and creativity as a guitarist; secondly he was one of the first black Americans to succeed with white audiences; and thirdly he was a pioneer in early collaboration between black and white musicians in a group based at the Folkways record company.

His involvement in the group's political activities saw him caught up in McCarthy's witch hunt. He testified before the Un-American Activities Committee but was still blacklisted until 1963. His life and work will be told via documentaries and concert recordings loaned by his son Josh Jr., who will provide commentaries.

Josh White Jr.



Josh White Jr.

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

TER 2
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 5 Euros (preço único)

Guitarra Josh White Jr.
Contrabaixo João Custódio

Josh White Jr. é o herdeiro da arte do seu pai, Josh White, o principal responsável nos anos 30/40 do século passado pela divulgação da folk negra e dos blues à América branca e ao resto do mundo. Nascido em 1940, depois de uma longa carreira apresenta-se como cantor, compositor, actor e guitarrista, da folk/blues, da pop, do jazz, para adultos e para crianças. É ainda professor e activista social. A verdade é que, aos quatro anos, o pai pô-lo, em cima de um banco, a cantar no célebre Café Society

de Nova Iorque, o primeiro clube nocturno sem segregação entre negros e brancos. Em 1949 chega a um musical da Broadway, sempre com o pai, uma parceria que durou 17 anos.

A solo grava pela primeira vez em 1956 *See Saw*, para a Decca. Ente 1949 e 1960 aparece em cinco peças da Broadway e numa “off-Broadway”. Ganha um Tony Award logo em 1949, como o melhor actor infantil. Em 1961 já tinha actuado em mais de 50 dramas de TV mas decide focar-se na música, pois as oportunidades de emprego para actores negros adultos eram escassas. Em 1984 o disco *Jazz, Ballads & Blues*, de homenagem ao pai, é nomeado para um Grammy.

Faz o seu primeiro grande espectáculo na TV como músico num especial em 1979, na PBS. Em 1983 actua num musical biográfico do seu pai, *Josh: The Man & His Music*. Todos os anos faz questão de repor o espectáculo, que esgota sempre. Actua em esco-

las a divulgar a música do seu pai e também de outros pioneiros de Leadbelly a Woody Guthrie.

Após o 11 de Setembro de 2001, Josh gravou duas canções de seu pai, ícones da canção anti-racista norte-americana, *The House I Live In* e *Free and Equal Blues*, para uma compilação da Gateway Records, na sequência da qual foi o primeiro artista convidado a dar um espectáculo no Ground Zero.

Em Lisboa comentará filmes sobre seu pai, dará um espectáculo a ele dedicado e orientará uma master class de guitarra.

Josh White Jr. is heir to the art of his father, Josh White, who did so much in the 1930s and '40s to bring black music to a white audience. Born in 1940, Josh Jr. is a singer, writer, actor and guitarist for adults and children, as well as a teacher and social activist. His first performance was at the age of four at New York's famous Café Society, his first solo recording being *See Saw* in 1956. From 1949 to 1960 he appeared in five Broadway plays, winning a Tony in 1949.

However, he opted to focus on music. After 11 September 2001 he recorded two of his father's anti-racist songs, and was the first artist invited to play at Ground Zero. In Lisbon he will comment on films about his father, perform and give a guitar master class.

A propósito de Robert Johnson Cadillac Records Comentários de Elijah Wald



Robert Johnson (1911-1938)

CINEMA CICLO HOOTENANNY

QUA 3
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Robert Johnson (1911-1938) é talvez o músico de blues envolto em mais lendas e mistérios, tanto quanto é reconhecida a sua determinante influência na evolução do estilo e na criação da técnica de guitarra que conduziria ao surgimento do rock contemporâneo. Eric Clapton não hesita

mesmo em classificá-lo como «o mais importante de todos os cantores de blues».

Nascido no Mississippi (os seus pais haviam sido escravos) Johnson tornou-se famoso pela sua inovadora técnica de guitarra e pelo talento enquanto compositor. Compreende-se a dimensão da sua influência quando se verifica que, desapercebido apenas com 27 anos, alegadamente envenenado por um marido ciumento, a sua obra gravada inclui apenas 41 temas (em rigor, 29 pois há takes repetidos).

Hootenanny convidou Elijah Wald, autor da que é considerada a mais completa biografia de Johnson, - *Escaping the Delta - Robert Johnson and the invention of the Blues* - e, por sua sugestão, a palestra que realizará será acompanhada pela projecção do filme

de 2008 *Cadillac Records*, de Darnell Martin, baseado na história da famosa editora discográfica de Chicago Chess Records, determinante na evolução da música afro-americana nos anos 40 a 60 do século passado e que Wald comentará na perspectiva exactamente da influência da herança musical de Johnson.

A lenda da *devil's music* está muito ligada a Robert Johnson e Wald dedicou-lhe no seu livro especial atenção, salientando a persistência da lenda do «pacto com o demónio» para adquirir virtuosismo existente em quase todos os universos da música popular.

There was probably no more legendary bluesman than Robert Johnson (1911-1938). His decisive influence on blues guitar technique and style gave rise to today's rock music. Eric Clapton regards him as the most important of all blues singers. He became famous for his innovative technique and songwriting, and yet he died at just 27, supposedly poisoned by a jealous husband, having recorded just 41 tracks.

Hootenanny has invited Elijah Wald, author of *Escaping the Delta - Robert Johnson and the invention of the Blues*, and we will also be showing the 2008 film *Cadillac Records* about Chess Records. The “devil's music” legend is closely associated with Johnson, especially his supposed “pact with the devil”.

Elijah Wald

Robert Johnson: Roots and Branches



Elijah Wald © Sandrine Sheon

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

QUI 4
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 5 Euros (preço único)

Guitarra Elijah Wald

Este é o homem que explica *Como os Beatles destruíram o Rock'n'Roll*, livro lançado em Maio de 2009 nos Estados Unidos. A tese do historiador e músico é que, a partir dos Beatles, a gravação passa a ser a verdadeira referência da música popular – e não o espectáculo ao vivo – e daí nasce outra realidade, onde

o rock e seus sucedâneos passam a ser dominados por músicos brancos. Em contrapartida o soul, o disco e o hip hop ficam dominados por artistas negros.

Elijah Wald está a chegar à dezena de livros publicados e soma centenas de artigos em jornais e revistas dos Estados Unidos e Inglaterra, (foi durante dez anos o cronista da área do *Boston Globe*, agora escreve no *Los Angeles Times*).

Também biógrafo de Josh White, Elijah dedicou uma obra de referência à biografia do lendário músico de blues Jimmy Johnson, tema que o trará a Lisboa para uma palestra e um espectáculo.

Porque, para além de escritor e investigador, Elijah é também músico. Toca desde os sete

anos e foi como músico de guitarra às costas que nos anos 1970 e 1980 andou a ganhar a vida na Europa, na Ásia, em África e na América Central. A experiência passou por uma banda de blues em Sevilha até dar espectáculos com um grupo rock num hotel do Sri Lanka!

Nascido em 1959, Elijah Wald é filho de um Prémio Nobel da Medicina (George Wald) e da bióloga Ruth Hubbard com quem escreveu um livro – *Exploding the Gene Myth*. Gravou dois discos: *Elijah Walker: Songster, Fingerpicker, Shirtmaker*, que só há em LP, e o CD *Street Corner Cowboys*.

This is the man who explained *How the Beatles Destroyed Rock 'n' Roll* in his 2009 book. His thesis is that with the Beatles, recordings became the true point of reference for popular music, rather than live shows, leading to another reality: rock became dominated by white artists, while soul, disco and hip hop are dominated by black artists.

Elijah Wald has written about ten books and hundreds of articles in the US and UK. He has written biographies of Josh White and also the legendary Jimmy Johnson, which is what brings him to Lisbon for a talk and a performance: because Wald is also a musician with two albums to his name. Born in 1959, he is the son of Nobel medicine laureate George Wald and biologist Ruth Hubbard.

Henry Butler



Henry Butler © Shannon Brinkman

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

SEX 5
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 5 Euros (preço único)

Piano Henry Butler

A devastação de Nova Orleães causada pelo furacão Katrina, em 2005, obrigou Henry Butler a deixar de viver na cidade da Louisiana onde nasceu a 21 de Setembro de 1949. O glaucoma que o atingiu à nascença não o impediu de ser músico aclamado.

Nomeado oito vezes para o prémio de melhor pianista do W.C. Handy Award (desde 2006 designado por Blues Music Award), o mais presti-

giado troféu da área do blues, foi designado pelo “mítico” Dr. John como “o orgulho de Nova Orleães”.

Desde os seis anos de idade que Butler toca piano e desde sempre combina e desenvolve vários estilos. A sua biografia oficial apresenta referências que começam com o estudo com o Professor Longhair e passam por gente tão diferente como McCoy Tyner e mestrandos de formação clássica-erudita em piano, trompete, trombone, percussão e voz. Assume que a sua música é uma amálgama de jazz, música das Caraíbas, do Brasil, de Cuba, da pop, do blues, do R&B...

Ao longo da sua carreira, são inúmeros os músicos de primeiro plano com quem trabalha, de Cannonball Adderley a Charlie Haden ou Jack DeJohnette, para indicar apenas alguns nomes.

A sua discografia é particularmente extensa, mas os exemplos marcantes mais recentes são *Orleans Inspiration*, de 1990, o notável *Blues After Sunset* em 1998 e o registo com Corey Harris de 2000 intitulado *Vu-du-Menz*, um trabalho profundo de exploração dos blues do Delta.

Seguiram-se o eléctrico *The Game Has Just Begun*, em 2002 e *Homeland*, em 2004, quando Butler, pela primeira vez, grava em estúdio com um grupo de blues e R&B e o recente *PiaNOLA Live*.

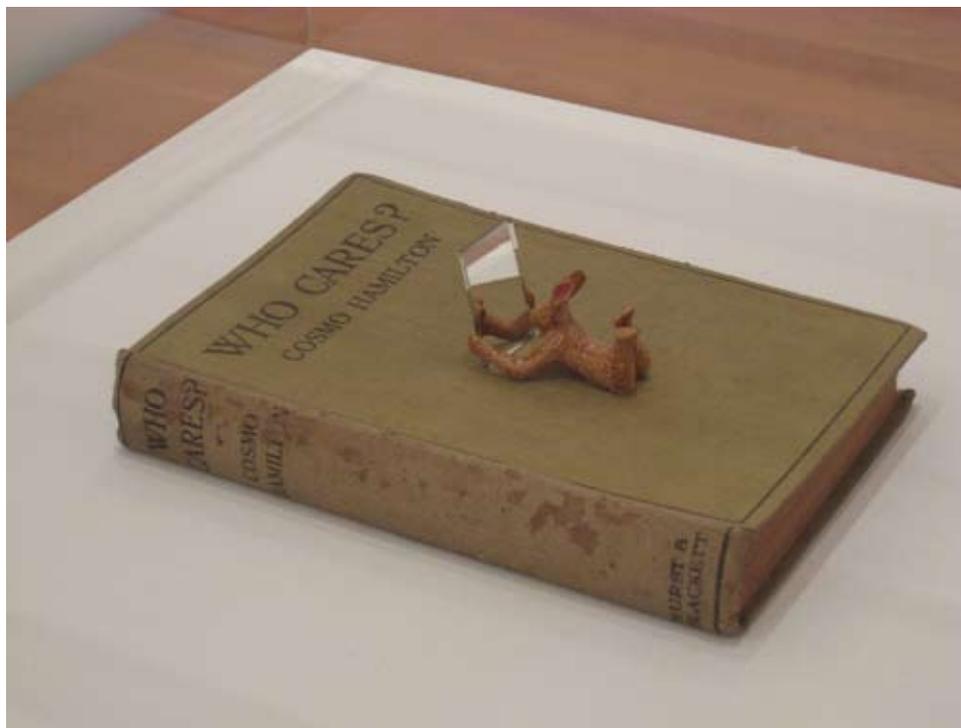
Hurricane Katrina's devastation of New Orleans in 2005 forced Henry Butler out of the city where he was born in 1949. Nominated eight times for what is now called the Blues Music Award, for best pianist, he has been described by Dr. John as “the pride of New Orleans”.

Early on he studied with Professor Longhair and then played with the likes of McCoy Tyner and leading teachers of piano, trumpet, trombone, percussion and vocals. His music combines Caribbean, Brazilian, Cuban, pop, blues, R&B, etc. He has worked with Cannonball Adderley, Charlie Haden and Jack DeJohnette, to name but a few.

Recent recordings include *Orleans Inspiration* (1990), *Blues After Sunset* (1998), *Vu-du-Menz* (2000) and *Homeland* (2004).

Suspension of Disbelief

4 conversas sobre
imagens, crença e espaço
do corpo na arte
Por Delfim Sardo



Ana Jotta, *Who cares?*, s.d. · Nº inventário 602181, Coleção da Caixa Geral de Depósitos

CONFERÊNCIAS

QUARTAS-FEIRAS
10, 17, 24 DE FEVEREIRO
3 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

10 de Fevereiro
A crença na pintura

17 de Fevereiro
A crença no corpo

24 de Fevereiro
A crença no espaço

3 de Março
A crença nas imagens
que se mexem num ecrã

Este ciclo de quatro sessões parte de uma citação de Coleridge de 1798, na qual afirmava que era uma “voluntária suspensão da incredulidade (*willing suspension of disbelief*) que momentaneamente cria a crença poética”.

Esta afirmação merece ser confrontada com a forma como a arte moderna veio a desestabilizar a relação de crença nos processos de produção de imagens, esticando esta relação de suspensão até à sua queda, até ao momento no qual as imagens não possuem qualquer processo que nos oriente nas suas teias.

O centro deste ciclo será, assim, o da avaliação sobre os processos de relação com as imagens, a dimensão corporal e os espaços que resgatam este processo nas suas várias vertentes.

O projecto de cada uma das sessões é o de partir de situações concretas na arte do século XX e verificar as consequências do processo de avaliação permanente das condições de possibilidade da arte que é inerente ao modernismo, como se a tentativa de testar os transcendentais da arte fosse uma missão inescapável. Neste sentido, não há arte de hoje que se possa exercer sem passar pela sua condição de possibilidade e, portanto, pela sua modernidade.

Morto o modernismo, a questão do moderno não fica demitida. Podemos mesmo acreditar que o modernismo, na sua permanente fibrilação, é regularmente tratado a golpes de desfibrilador transcendental pelo discurso crítico que o viabiliza como corolário da necessária consciência do tempo moderno.

Este desfibrilador funciona movido a crença. É dela que vamos tratar.
Delfim Sardo

Delfim Sardo nasceu em 1962. É docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem repartido a sua actividade pela crítica e ensaística sobre arte, a curadoria e o ensino. É o curador da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010.

Entre as suas publicações destacam-se *Luxury Bound*, *A Fotografia de Jorge Molder* (Lisboa 1999), *Helena Almeida*, *Pés no Chão, Cabeça no Céu* (Lisboa 2004), *Pintura Redux* (Porto, 2006), *A Visão em Apneia* (Lisboa 2009).

These four sessions are based on a 1798 quotation from Coleridge that it is a “willing suspension of disbelief for the moment, which constitutes poetic faith”. Delfim Sardo examines whether that statement is borne out in the way in which Modern art destabilizes our faith in the process of producing images.

Each session’s starting point will be a real situation in 20th-century art. Although Modernism is dead, it has not been forgotten: critics regularly subject it to shocks by transcendental defibrillator, and that is what she will be examining.

Delfim Sardo is a lecturer at the Faculty of Arts of Coimbra University, and is also an art critic and essayist, and curator of the 2010 Lisbon Architecture Triennial.

Carlos Martins

Água

Programador:
Manuel Jorge Veloso



JAZZ

SEX 12
DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 15 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Saxofone Tenor Carlos Martins

Piano Bernardo Sasseti

Guitarra André Fernandes

Contrabaixo e baixo eléctrico Nelson Cascais

Bateria Alexandre Frazão

Nascido em Etiópia, no Alentejo, em 1961, o saxofonista e compositor Carlos Martins começou por estudar música e clarinete na Banda Filarmónica de Grândola, a partir dos 14 anos de idade. Tendo ingressado mais tarde nos cursos de saxofone e composição do Conservatório Nacional (Lisboa), estudou ainda na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, onde também foi docente. Desenvolvendo a sua carreira na área do jazz, em que tocou ao lado de inúmeros músicos portugueses e estrangeiros, Carlos Martins está também ligado à composição para o cinema e para o bailado, mantendo uma forte ligação à música erudita, domínios em que colaborou com Constança Capdeville, Álvaro Salazar, João Paulo Santos e os coreógrafos Rui Horta e Vera Mantero.

Quanto à sua actividade no jazz e em relação a este projecto, segundo as próprias palavras de Carlos Martins: "Ser músico de jazz é ter confiança no acaso. É aceitar a disciplina necessária para manusear o instrumento como se domina uma linguagem. É acreditar no erro como fonte de inspiração. É compreender o outro e aceitá-lo. É um diálogo permanente, sem palavras, do som e das cores que pintam os estados de espírito. É mesmo inventar esses estados em conjunto, libertando-nos do eu, sendo assim cada um mais o que realmente é. Como um quinteto a solo neste projecto, respiramos o mesmo ar e acertamos os nossos gestos e sonoridades fingindo o que deveras somos, um conjunto de impressões e solidões partilhadas. E fazemos disso a música que produzimos; e se a música gostar de nós faz-nos ser outras pessoas, com mais alegria. Trocamos identidades para dar à música o que tanto desejamos: a liberdade."

Born in Portugal in 1961, saxophonist and composer Carlos Martins began studying music and clarinet at 14. Later he studied at Lisbon's National Conservatory and at the Hot Clube de Portugal's jazz school. As well as jazz, he has composed for film and dance, and maintains close links with classical music.

With regard to jazz, and this project, he says that being a jazz musician means trusting to chance. It means accepting the discipline needed to handle an instrument like a language. It means believing in mistakes as a source of inspiration. It means understanding and accepting others. It is an ongoing wordless dialogue of sound and colours painted by one's state of mind. That is the spirit behind his group.

David Grimal



© J.L. Atlan

MÚSICA

SÁB 13
DE FEVEREIRO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração: 1h00
M12 · 10 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Violino David Grimal

David Grimal, um dos grandes intérpretes da sua geração, nasceu em 1973. Estudou violino a partir dos 5 anos, completando a sua formação no Conservatório Nacional de Música de Paris com Regis Pasquier. Aperfeiçoou-se com, entre outros, Isaac Stern, Schlomo Mintz e Philippe Hirshhorn. A sua já muito vasta carreira, como solista ou músico de câmara, levou-o a actuar nos melhores palcos do mundo inteiro, com grande orquestras, destacados maestros e músicos como James Galway, Boris Berezovsky, Georges Pludermacher, Alain Planes entre muitos outros. Fundou o Quarteto Orfeo com quem gravou numa série de DVDs a integral dos quartetos de cordas de Beethoven. Em Lisboa já esteve na Fundação Calouste Gulbenkian e na Festa da Música, no CCB.

O seu vasto repertório vai da música barroca à música contemporânea. Vários compositores lhe dedicaram obras. Recebeu diversos prémios europeus e numerosas gravações em que participou foram destacadas pela crítica. Recentemente registou a integral das sonatas e partitas de J.S. Bach, álbum que recebeu o Choc da revista *Classica*. Grimal toca um violino Stradivarius de 1710.

No concerto desta tarde, entre a Sonata nº 1 e a Partita nº 2 de J.S. Bach, David Grimal intercala a *Chaconne* da *Kontra-partita* que pediu ao compositor francês Brice Pauset para lhe escrever. Pauset, nascido em 1965, compôs mais de 60 obras para solistas e diversas formações. Colabora regularmente, entre outros, com o IRCAM e o Festival de Outono de Paris. Muitas das suas peças foram executadas pelos mais aclamados ensembles e intérpretes de música contemporânea.

Este será, certamente, um excelente recital, conjugando-se a genialidade da música de Bach com o imenso talento do intérprete.

Sobre David Grimal visite www.davidgrimal.com

The great David Grimal was born in 1973. He studied violin from the age of five, completing his training at the Paris National Music Conservatory. He then perfected his technique with Isaac Stern, Schlomo Mintz and Philippe Hirshhorn, among others. He has played on the world's best stages with conductors and musicians such as James Galway, Boris Berezovsky, Georges Pludermacher and Alain Planes.

He ranges from Baroque to contemporary music, winning several European awards and gaining critical acclaim. He plays a 1710 Stradivarius violin.

Tonight's performance will include Bach's Sonata nº 1 and Partita nº 2 interspersing *Chaconne* from the *Kontra-partita* which Brice Pauset wrote for him.

Programa

J.S. Bach (1685-1750)
Sonata nº1 em Sol menor
BWV 1001

Brice Pauset (1965)
Kontra-partita, Chaconne

J.S. Bach
Partita nº2 em Ré menor
BWV 1004

Concertos de Encerramento do 8º Workshop da Orquestra Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses



MÚSICA

SEX 19, SÁB 20
DE FEVEREIRO

Grande Auditório

21h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Programas a anunciar

Orquestra Gulbenkian
Maestrina Joana Carneiro

No âmbito da actividade regular da Orquestra Gulbenkian, o *Workshop para Jovens Compositores Portugueses* conheceu já a sua integração plena na temporada de concertos, avançando para a sua 8ª edição. Uma iniciativa que tem vindo a figurar anualmente no curso das últimas temporadas de música, estendendo o alcance destas e dando continuidade ao plano do Serviço de Música para a formação de jovens criadores musicais, ao mesmo tempo incrementando o incentivo à criação musical contemporânea. No final de uma intensa quinzena de trabalho, onde é dada a possibilidade de estudo e leitura de obras inéditas para orquestra de jovens compositores portugueses, essas mesmas obras são apresentadas em primeira audição, sendo dirigidas nos dois concertos finais pela maestrina Joana Carneiro.

Through this workshop the Music Service of the Calouste Gulbenkian Foundation gives continuity to an initiative adding zest to Gulbenkian's incentive policy towards musical creation.

After an intensive two weeks workshop during which new pieces for orchestra by young Portuguese composers were read and studied we will have the opportunity to hear them in a first audition directed by Joana Carneiro.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

The Fish

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



JAZZ

QUI 25
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração 1h15
M12 · 5 Euros (preço único)

Saxofone alto Jean Luc Guionnet
Contrabaixo Benjamin Duboc Bateria Edward Perraud

A música dos The Fish é o *free jazz*. Sem meias palavras, por mais que o termo assuste alguns. *Free jazz*, entenda-se, como estrutura, não como uma tradição. É um exemplo de como se pode fazer muito mais do que invocar o passado.

O duplo CD ao vivo que editaram na Ayler Records é o que se pode classificar como um acto de coragem. Os seus concertos deixam o público a ofegar, num êxtase total. Os The Fish são um grupo raro no panorama do jazz europeu pela organicidade e crueza da sua abordagem, menos virada para a cabeça e mais para o coração.

O primeiro impacto junto do ouvinte surge do som brutal, e logo a seguir do ritmo e das dinâmicas que utilizam na sua música. Que dá vontade de dançar ou, pelo menos, que nos faz abanar o corpo, numa experiência fundamentalmente física.

Na revista *Wire* (uma publicação de referência na música do nosso tempo), Julian Cowley disse deles que “não há nada de redundante na estamina, alta tensão e na sinuosa fluência da música dos The Fish.” E Henrik Kaldahl na *Jazznett.com* deixa o alerta: “os The Fish são uma bomba”.

Dando seguimento ao objectivo de surpreender o público deste ciclo, “Isto é Jazz?”, e mostrar as novas formas que o jazz pode assumir, metamorfoseando-se a todo o momento, apresentam-se os The Fish, o *free jazz* no século XXI com energia rock.

The Fish play free jazz, to put it bluntly, even though the term scares some away. Free jazz is understood as structure, not as a tradition. It shows that one can do far more than invoke the past.

The double live CD they released on Ayler Records can be seen as an act of courage. Their concerts leave the audience in total ecstasy. Their approach is organic and raw, aimed at the heart more than the head.

In *Wire* magazine, Julian Cowley said that there is nothing redundant in the stamina, high tension and sinuous fluency of their music. With the aim of surprising the audience, *Isto é Jazz?* [*Is this Jazz?*] shows how jazz can metamorphose at any time. And with The Fish, 21st-century jazz has all the energy of rock music.

Ópera Camponesa

Parasztopera

De Benedek Darvas e Béla Pintér

Um espectáculo de Béla Pintér e Companhia



© Gábor Dusa

TEATRO

SEX 26, SÁB 27, DOM 28
DE FEVEREIRO

Palco do Grande Auditório
21h30 (Sex 26, Sáb 27)
17h00 (Dom 28)
Duração: 1h10 · M12 · 12 Euros
Jovens até aos 30 anos:
5 Euros

Desconto especial: Bilhete conjunto de 16 Euros para ver os dois espectáculos de Béla Pintér à venda na Culturgest e no Teatro Maria Matos.

Espectáculo em húngaro, com legendas em português

Um universo totalmente original. (...) Esta Ópera Camponesa, com as suas cenas iluminadas como quadros, o chão coberto de palha, é verdadeiramente mágica.
Fabienne Darge,
Le Monde, 20 Outubro 2008

O espectáculo é uma paródia licenciosa de ópera que mistura os sons telúricos das canções populares húngaras com as convenções ordenadas da música barroca, produzindo um efeito estranho mas que surpreendentemente satisfaz. (...) Pintér justapõe canções celebratórias de cariz tradicional e um humor brusco e grosseiro que revela as patologias privadas por trás dos mitos bonitinhos da bucólica vida aldeã.
Charles Isherwood, *The New York Times*, 23 Julho 2009

Texto e encenação Béla Pintér **Música** Benedek Darvas
Cenografia Péter Horgas **Figurinos** Mari Benedek **Luzes** Zoltán Vida **Director técnico e som** János Rembeczki **Técnico de palco** Tamás Kulifay **Assistentes do encenador** Andrea Pass, Edit Bottka **Mestre de canto** Bea Berecz **Músicos** Benedek Darvas, Bertalan Veér, Gábor Pelva, László Nyíri, György Póta
Com Béla Pintér, Szilvia Baranyi, József Tóth, Éva Enyedi, Sarolta Nagy-Abonyi, Tünde Szalontay, Sándor Bencze, Szabolcs Thuróczy, Tamás Deák **Estreia** no teatro Szkéné, Budapeste, a 1 de Outubro de 2002 **Co-apresentação** Teatro Maria Matos e Culturgest

Béla Pintér e Companhia, grupo de Budapeste criado em 1998, produz uma obra singularíssima, tão contemporânea quanto influenciada pela arte popular húngara.

Ópera Camponesa já foi apresentada em diversos países, de Moscovo a Nova Iorque, de Paris a Montreal, com grande reconhecimento público e crítico. Um conto tradicional transforma-se em ópera, misturando canções populares da Transilvânia, música barroca e pop rock. A música é tocada ao vivo, e os actores compensam o facto de não serem cantores profissionais com a intensidade da representação. Há pessoas infelizes, paixão, humor, incesto e homicídio. Passado e presente confrontam-se, assistimos a pecados antigos e personagens de tempos diferentes falam umas com as outras. Pintér retrata a vida no campo com selvagem ironia - e a tragédia espreita por baixo das danças e dos trocadilhos duvidosos.

This performance by Béla Pintér and Company, a group from Budapest formed in 1998, is both contemporary and influenced by popular Hungarian art. *Peasant Opera* has already been performed in several countries to great popular and critical acclaim. A traditional tale is transformed into opera, mixing songs from Transylvania, Baroque music and pop-rock. There is passion, humour, incest and murder. The past and present face one another, we witness old sins, and characters from different times talk to one another. Country life is portrayed with savage irony, as tragedy lurks beneath it.

A Louca, o Médico, os Discípulos e o Diabo

Az Őrült, az Orvos,
a Tanítványok és az Ördög

Um espectáculo de
Béla Pintér e Companhia



© Gábor Dusa

TEATRO

QUA 3, QUI 4 E SEX 5
DE MARÇO

Teatro Maria Matos
(sala principal com bancada)
21h30 · Duração 1h20
M12 · 12 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Desconto especial: Bilhete conjunto de 16 Euros para ver os dois espectáculos de Béla Pintér à venda na Culturgest e no Teatro Maria Matos.

Espectáculo em húngaro, com legendas em português

Debate “O Fantasma da Ópera”

**Sáb 27 de Fevereiro,
17h30, Teatro Maria Matos**

Nos últimos anos, o musical tem conhecido um renascimento surpreendente em Portugal, bem como na cena internacional. É fundamentalmente um fenómeno comercial, que obedece a um formato tradicional. Mas há criadores que optam pela implosão do género. É preciso destruir o musical para o fazer reviver? Conversa com Béla Pintér, Teatro Praga e Primeiros Sintomas.

Texto e encenação Béla Pintér **Música** Ferenc Darvas com base nas obras de Allegri, Mozart, Pergolesi **Dramaturgia** Éva Enyedi **Montagem musical** Antal Kémenczy **Cenografia** Gábor Tamás **Figurinos** Mari Benedek **Assistente de figurinos** Júlia Kiss **Luzes** Zoltán Vida **Som** János Rembeczki **Máscara** Dániel Kovács **Mestre de canto** Bea Berecz **Assistentes do encenador** Edit Bottka, Andrea Pass **Músicos** Marcell Vámos, Péter Császár **Com** Hella Roszik, Éva Enyedi, László Quitt, Tünde Szalontay, Szabolcs Thuróczy, Zsófia Szamosi, Zoltán Friedenthal, Béla Pintér **Estreia** Teatro Szkéné, Budapeste, a 1 de Outubro de 2007 **Co-apresentação** Teatro Maria Matos e Culturgest

E se Jesus nascesse como uma menina do nosso tempo? E se não nascesse em Belém, mas sim numa garagem de um hotel na zona rural húngara? E se os três Reis Magos fossem três mulheres de negócio japonesas?

Quando Edina, uma estudante de Teologia, começa a divulgar as suas ideias visionárias, declarando que Deus é do sexo feminino e que a nova ordem mundial será governada por mulheres, rapidamente surgem seguidores fanáticos, mas também inimigos perigosos. Traída por um dos seus seguidores, é levada para um asilo...

Para contar esta parábola sobre o bem e o mal, Pintér reinventa o teatro musical, misturando estilos de teatro popular e contemporâneo, tocando Allegri, Mozart e Pergolesi como se fosse música cigana. Tudo isso regado com uma grande dose de humor negro.

What if Jesus had been born as a girl of our time? What if she were not born in Bethlehem, but in a hotel garage in rural Hungary? And what if the Three Kings were three Japanese businesswomen?

When Edina, a theology student, begins expounding her visionary ideas, declaring that God is female and that the new world order will be governed by women, she quickly gains fanatical followers, but also dangerous friends. Betrayed by one of her followers, she is taken to an asylum.

To tell this parable of good and evil, Pintér reinvents musical theatre, blending popular and contemporary musical styles, playing Allegri, Mozart and Pergolesi as if they were Gypsy music. And all with a good helping of black humour.

Norberto Lobo



MÚSICA

SEX 5
DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 10 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Guitarra acústica de 6 e 12 cordas, tambura Norberto Lobo
Guitarra acústica Guilherme Canhão
Vibrafone, percussões, outros objectos Ian Carlo Mendoza

Norberto Lobo (Lisboa, 1982) torna sua uma panóplia de tradições, no sentido em que passaram a constituir parte de si próprio, da sua música. É como se nele morassem várias músicas primitivas, mas elaboradas, filtradas pelas escolas da *folk*, trabalhadas técnica e harmonicamente com sofisticação.

Guitarrista de todas as guitarras, a solo, Norberto Lobo dedica-se às acústicas. Na sua música estão lá Carlos Paredes e o Tejo; Paulinho da Viola e noites e tardes e manhãs do Brasil; John Fahey, Charley Patton e o blues como matriz primordial para dor e ardor, ladeados por som de toda a África e de ilhas esquecidas. Mas está algo mais, algo de outro para além disso. Um amor por todas as músicas e todos os músicos que vivem deste negócio de sentir para pôr em prática, para sentir outra vez e mais.

Gravou dois CD's, *Mudar de Bina* (Borland, 2007) e *Pata Lenta* (Mbari, 2009), muito aclamados pela crítica e pelo público.

Para este concerto traz consigo, para a interpretação de algumas peças, dois convidados com quem colabora regularmente no trio Trigala. Ele próprio toca tambura, instrumento de cordas de origem indiana, feito à mão, e que lhe foi oferecido por um admirador na Dinamarca.

Sobre Norberto Lobo visite myspace.com/norbertolobo

Norberto Lobo embraces a panoply of traditions which become part of himself and his music. It is as if various primitive forms of music live within him, but filtered through folk traditions, and harmonically elaborated with great sophistication.

A fine guitarist, on his solo work Lobo is dedicated to the acoustic guitar, and also plays the tambura. In his music you can hear Carlos Paredes and the Tagus; Paulinho da Viola and Brazil; John Fahey, Charley Patton and the blues; and the sound of Africa and forgotten isles. But you also sense a love for all music and all musicians. He has recorded two well-received CDs: *Mudar de Bina* and *Pata Lenta*.

He will be with two guests, with whom he regularly plays in the Trigala trio.

Visões sobre o Futuro

Por António Câmara



© António Câmara

CONFERÊNCIAS

QUARTAS-FEIRAS
10, 17, 24, 31 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · **Entrada gratuita**
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

10 de Março
Espaços Públicos

17 de Março
Inteligência Colectiva

24 de Março
Objectos Inteligentes

31 de Março
A Comunicação em 2050

Em quatro conferências serão abordados temas sobre espaços públicos físicos e virtuais e formas futuras de comunicação.

Espaços Públicos

Espaços públicos, como as ruas e os jardins, não têm registado evoluções substanciais nas últimas décadas. Mas neste início de século estão a aparecer propostas que têm o potencial de alterar substancialmente a nossa vivência urbana. A mais radical vem da empresa americana Solar Roadways que pretende revestir os pavimentos das ruas e jardins com painéis especiais que recolhem e armazenam energia solar.

Inteligência Colectiva

A Internet é o novo espaço público virtual, em que qual-

quer um pode aceder e processar informação crítica. A utilização colectiva dos pensamentos de pessoas individuais pode contribuir para a melhoria das decisões nas esferas pública e privada. Serão discutidos casos que poderiam ser exemplares para Lisboa e Portugal.

Objectos Inteligentes

Discutia-se o futuro da computação numa conferência em 1995. Bruce Sterling, um dos mais famosos escritores de ficção científica, retirou o lenço do bolso e disse que aquele era o computador do futuro.

Uma rede portuguesa de empresas e grupos de investigação têm vindo a desenvolver as provas de conceito para objectos inteligentes utilizando substratos convencionais:

papel, plástico, vidro, madeira, cortiça e tecido (incluindo um lenço).

A Comunicação em 2050

A comunicação em 2050 será multi-sensorial: a visão, audição, olfacto, tacto e gosto serão utilizados sempre que justificável. Desenvolvimentos em ecologia sensorial vão permitir a comunicação com animais utilizando uma nova geração de sistemas oculares, auditivos, de olfacto, e tacto. Estes sistemas, que permitirão a emulação de animais pelos seres humanos, terão ainda utilizações na educação, entretenimento e segurança.

António Câmara é Chief Executive Officer da YDreams e Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa. Licenciou-se em Engenharia Civil pelo IST (1977) e obteve o MSc (1979) e PhD (1982) em Engenharia de Sistemas

Ambientais por Virginia Tech. Em 1983, António Câmara foi Post-Doctoral Associate no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e Professor Visitante em Cornell University (1988-89) e no MIT (1998-99).

Desenvolveu trabalho pioneiro de investigação em informação geográfica. Publicou 150 artigos referendados internacionalmente e os livros *Spatial Multimedia and Virtual Reality* pela Taylor & Francis (1999) e *Environmental Systems* pela Oxford University Press (2002). Publicou em 2009 *Voando com os Pés na Terra* (Bertrand) e o *Futuro Inventa-se* (Objectiva).

Em Junho de 2000, fundou a YDreams. A empresa desenvolve aplicações móveis e de computação ubíqua para o mercado global.

Recebeu vários prémios nacionais e internacionais de que se destaca o Prémio Pessoa em 2006.

Four talks will deal with physical and virtual public spaces and future forms of communication: Public Spaces, Collective Intelligence, Intelligent Objects and Communication in 2050.

António Câmara is CEO of YDreams and professor at New Lisbon University. He has conducted pioneering research into geographical information, has published 150 internationally referenced articles and the books *Spatial Multimedia and Virtual Reality* (Taylor & Francis) (1999) and *Environmental Systems* (OUP) (2002). In 2009 he published *Voando com os Pés na Terra* (Bertrand) and *Futuro Inventa-se* (Objectiva). He has also received several Portuguese and international awards, including the Pessoa Award in 2006.

Shoot the Freak

Um espectáculo Cão Solteiro & André e. Teodósio



TEATRO

DE QUI 11 A DOM 14
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 (Qui 11, Sex 12, Sáb 13)
17h00 (Dom 14) · Dur. 1h30
M12 · 12 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Um espectáculo construído por André e. Teodósio, Paula Sá Nogueira, Mariana Sá Nogueira, Vasco Araújo, Joana Dilão, Ana Santos, André Godinho e outros cúmplices.

Uma co-produção Cão Solteiro, Culturgest

No conto do Flautista de Hamelin uma criança defeituosa sobrevive ao rapto. Atraídos pela encantadora voz dessa criança-sereia-de-Faiake, vamos perpetuando a sua versão da história como se sofrêssemos de síndrome de Estocolmo. Tudo isto confirma-nos novamente que história é a coisa mais anti-histórica da História.

Shoot the Freak é uma narrativa surda.

Shoot the Freak é um musical mudo.

Shoot the Freak é um bailado coxo.

Shoot the Freak é um *tableau vivant* maneta.

[*Shoot the Freak*: atracção em Coney Island onde o protagonista, um FPS (First Person Shooter) puro, enfrenta os maus de costas voltadas para o público. (Um bocado ao contrário da vida, não é? Normalmente vemos de frente os amigos e queremos os inimigos pelas costas.)]

Cão Solteiro é uma casa que habita o lugar interior de uma loja e várias cabeças. Nesta casa fabricam-se ideias, futuros, objectos bonitos, objectos feios, frases, figuras, situações, outras casas imaginadas, segredos públicos, mapas pessoais, espelhos, lentes, lápis, linhas com que nos cosemos, nós cegos, saídas de emergência, dívidas, problemas. Cão Solteiro é essencial na sua absoluta inutilidade pública. We Are Not Amused. Cão Solteiro é um casaco que se veste e com que se atravessa o inverno.

André e. Teodósio é membro do Teatro Praga (a companhia mais megalopsíquica™ de todos os tempos). Frequentou algumas escolas onde aprendeu muito pouco. Fez parte do Coro Gulbenkian e da Casa Conveniente e colabora assiduamente com o Cão Solteiro. Individualmente encenou teatro (Sylvia Plath, Gogol, co-criações com José Maria Vieira Mendes e André Godinho) e ópera (Vaughan Williams, João Madureira e António Pinho Vargas).

Shoot the Freak is a deaf narrative. / *Shoot the Freak* is a mute musical. / *Shoot the Freak* is a lame dance. / *Shoot the Freak* is a one armed *tableau vivant*.

Cão Solteiro is a house built in the interior of a shop and several heads. In this house, with thimbles and with care, with forks and with hope, we fabricate ideas, futures, beautiful objects, ugly objects, phrases, situations, other imagined houses, public secrets, personal maps, mirrors, emergency exits, debts, doubts, problems. Cão Solteiro is essential in its absolute uselessness. Cão Solteiro is a coat to wear across the Winter. André e. Teodósio is a member of Teatro Praga and a frequent collaborator of Cão Solteiro. Individually, he has also directed theatre and opera.

Pour un clin d'œil - Ni vu ni connu

Pestanejar - sem que
ninguém saiba
De Claudia Triozzi



DANÇA PERFORMANCE

QUI 18, SEX 19
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: a determinar
(nova criação) · M12 · 17 Euros
Jovens até aos 30 anos:
5 Euros

Concepção e interpretação Claudia Triozzi
Criação musical Fernando Fiszbein, Claudia Triozzi
Figurinos Jutta Klingel, Claudia Triozzi **Músico** Roberto Tiso
Técnico de som Félix Perdro **Apoio à criação** DRAC Île-de-France,
de L'ARCADI **Apoio** Conseil Général de Seine Saint Denis
Co-produção Centre Pompidou, Paris; Culturgest, Lisboa;
Le Phénix scène nationale, Valenciennes; Kunstenfestival
des Arts, Bruxelas; Centre national de danse contemporaine,
Angers; Objectif danse Marseille **Apoio à produção** Arcadi
Agradecimentos Le Centre chorégraphique de Belfort;
Danse à Lille **Produção** Association Dam Cespi
Produção delegada Latitudes Prod. Lille.

“Nos meus trabalhos destes últimos anos tenho centrado a minha pesquisa na ideia de um corpo pensado e pensante e nos seus efeitos no palco face a um público. O palco tem-me permitido, frequentemente, pôr à prova e em prática uma “filosofia do corpo” e considero que é a partir dessa reflexão que surgem a coreografia e o corpo dançante, com todos os seus movimentos internos e externos.”

Claudia Triozzi

Nesta nova criação que vem estreiar à Culturgest, Claudia Triozzi prossegue a pesquisa que tem desenvolvido, e através da qual tem “questionado o corpo, o rasto, o absurdo, o sofrimento, o horror, a pornografia e a depressão”.

Claudia Triozzi iniciou os estudos de dança clássica e contemporânea em Itália. Desde 1985 reside em Paris e, paralelamente ao trabalho de intérprete com Odile Duboc, Georges Appaix, François Verret, Alain Buffard, Xavier Leroy e Xavier Boussiron, cria as suas próprias peças, vídeos e instalações, que têm sido apresentadas tanto no palco como em museus e galerias. Em 2006 obteve o DNSEP (Diplôme National Supérieur d'Expression Plastique) opção arte, da École Nationale des Beaux-Arts de Lyon. Dos seus trabalhos destacamos: *La prime* (2008), *Up to date* (2007), *Fais une halte chez Antonella* (2006), *Strip-tease* (2006), *La baronne et son tourment* (2006), *Opera's Shadows* (2005), *Stand* (2004), *The Family Tree* (2002), *Dolled Up* (2000), *Bal Tango* (1999), *Park* (1998), *Gallina Dark* (1996), *Les Citrons* (1992), *La Vague* (1991).

In recent years Claudia Triozzi's work has centred on researching the idea of a thinking body and its on-stage effect on the public. The stage has often enabled her to test and implement a “philosophy of the body”, giving rise to choreography and the dancing body with all of its internal external movements. Voice has been gaining ground as an element of her “physicality”, but it never negates the role of choreography. In this new work she continues her research, which has questioned the body, the absurd, suffering, pornography and depression. Her recent works include *La prime* (2008), *Up to date* (2007), *Fais une halte chez Antonella* (2006), and *Strip-tease* (2006).



Apoio: Culturesfrance -
Ministère des Affaires étrangères

Tatjana Vassiljeva



© C.F. Broede

MÚSICA

SÁB 20
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração: 1h20 com
intervalo · M12 · 10 Euros
Jovens até aos 30 anos:
5 Euros

Programa

J.S. Bach (1685-1750)
Suite n.º 3 em Dó Maior,
BWV 1009

Gaspar Cassado (1877-1966)
Suite para violoncelo solo

Henri Dutilleux (1916)
Trois strophes sur le nom
de Sacher

Zoltán Kodály (1882-1967)
Sonata para violoncelo
solo op. 8

Violoncelo Tatjana Vassiljeva

Laureada com o 1.º Prémio do 7.º Concurso de Violoncelo Rostropovitch em 2001 (primeira russa a ganhar este famosíssimo concurso), prémio revelação das Victoires de la Musique Classique de França em 2005, Tatjana é um fenómeno. Estudou na Rússia e na Alemanha. Tem dado concertos pelo mundo inteiro, com famosas orquestras e prestigiados maestros, tem participado em agrupamentos de câmara com intérpretes como Yuri Bashmet, Gidon Kremer, Maxim Vengerov, Paul Badura-Skoda e muitos outros.

Gravou quatro discos. O primeiro foi distinguido com o Diapason d'Or, o último, em que interpreta a integral das suites para violoncelo solo de J.S. Bach, foi distinguido com um Choc da revista *Classica*. Toca no violoncelo Vaslin de 1725 de Antonio Stradivarius.

Para o programa desta tarde escolheu duas obras-primas absolutas, a Suite n.º 3 de Bach e a Sonata de Kodály e duas curtas obras desconhecidas da maioria do público. Cassado, grande violoncelista, foi um discípulo de Pablo Casals e escreveu várias peças para o seu instrumento, entre as quais esta suite de 3 danças onde se reconhecem influências de Kodály e Ravel. Dutilleux, um dos mais reconhecidos compositores franceses actuais, escreveu estas suas *Estrofes* a pedido de Rostropovitch e em homenagem ao maestro suíço e mecenas Paul Sacher.

Uma grande violoncelista a descobrir, num programa cheio de motivos de interesse.

Sobre Tatjana Vassiljeva visite www.tatjanavassiljeva.com

Winner of first prize at the 7th Rostropovich Cello Competition in 2001 (the first Russian woman to win the competition), and winner of the revelation prize at the French Victoires de la Musique Classique competition in 2005, Tatjana is a phenomenon. She has performed throughout the world and has played in chamber groups with the likes of Yuri Bashmet, Gidon Kremer, Maxim Vengerov, Paul Badura-Skoda and many others.

She has recorded four CDs, the first one winning the Diapason d'Or. She plays the 1725 Stradivarius called Vaslin. For this evening she has chosen two masterpieces: Bach's Suite N.º 3 and Kodály's Sonata, plus two short works unknown to most people, by Cassado and Dutilleux. A fascinating set.

Vinício Capossela

Solo Show

MÚSICA

QUA 24, QUI 25
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30 com
intervalo · M12 · 20 Euros
Jovens até aos 30 anos:
5 Euros



“*Solo Show* não foi buscar inspiração ao circo (...) mas às tendas que eram colocadas ao redor do circo no tempo dos espectáculos dos Barnum (...). Nessas tendas ao lado exibiam-se prodígios, aberrações e animais esquecidos por Noé. ‘A vaca de cinco patas’, ‘o porco com duas cabeças’, ‘a cabra de um só corno’. Criaturas para apenas serem mostradas, porque não tinham outros talentos.

Solo Show é também uma criatura de duas cabeças, dividida por um interlúdio burlesco – 15 minutos de ilusionismo. (...)

Na primeira parte as atracções espelham o interior do homem. Toda a sua alma emerge na sua cara, tornando-o um monstro, como todas as criaturas múltiplas que são três coisas numa, mas nenhuma das três. (...)

A segunda parte é o tempo de aparecerem as atracções que estavam representadas no cenário que é içado no intervalo: ‘o peixe gelatinoso’, o ‘polvo apaixonado’, ‘a sereia dos abismos’, ‘o Minotauro’. (...)

Chama-se *Solo Show* porque vamos ter que lidar com ele sozinhos, segurando-nos bem, tanto no palco como na plateia. E também porque, afinal, é *apenas* um espectáculo.”

Extractos de um texto sobre o *show* escrito pelo próprio Vinício Capossela

Capossela esteve na Culturgest, num espectáculo memorável que esgotou o Grande Auditório, em Novembro de 2007. Volta com o seu novo trabalho, um espectáculo musical circense, porventura ainda mais belo e fantástico que o anterior, com música do seu último CD, *Da Solo* (Outubro de 2008). *Solo Show* já foi apresentado, com enorme sucesso (em seis meses, entre 2008 e 2009, foi visto por mais de 100 000 espectadores), em Itália, na Suíça, na Bélgica, em França, na Alemanha, no Luxemburgo, na Grã-Bretanha, em Espanha. No final de 2009 foi editado um conjunto DVD+CD intitulado *Solo Show Alive*.

Sobre Vinício Capossela visite www.viniciocapossela.it

Tents were put around the circus ring back in the days of Barnum, to exhibit prodigies, freaks and weird animals: the five-legged cow, the pig with two heads, the goat with one horn – for show only, as they had no other talents.

Solo Show is also a creature with two heads, separated by a burlesque interlude: 15 minutes of illusions. In the first half the attractions mirror the inner man. His soul is seen in his face. In the second part, attractions emerge that were represented on the backdrops during the interlude.

Vinício Capossela performed a memorable sell-out show at Culturgest in November 2007. This new show is possibly even more beautiful than that one. There is also a DVD+CD entitled *Solo Show Alive*.

Fred Hersch

Recital a Solo

Programador:
Manuel Jorge Veloso



© David Bartolomi

JAZZ

SEX 26
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 20 Euros · Jovens até
aos 30 anos: 5 Euros

Piano Fred Hersch

Está só ao alcance dos raros talentos do jazz um recital de piano-solo de grande duração. Instrumentista de impressionante destreza técnica, sabendo extrair do piano vários cambiantes tímbricos e assim criando os diferentes estados emocionais que só este instrumento nos pode ofertar, o pianista norte-americano Fred Hersch alcançou, sem dúvida, o estatuto desses raros, tendo já tocado em salas prestigiadas como o Carnegie Hall de Nova Iorque ou o Concertgebouw de Amesterdão.

Transformando positivamente a variação e a improvisação jazzística num apaixonante estado de criação e composição instantânea, Hersch faz parte ainda daqueles eleitos para os quais o teclado pianístico se torna uma verdadeira orquestra e as peças que vai buscar à inspiração de terceiros se transformam em composições próprias, com uma marca de origem inconfundível.

Grande cultivador das baladas, amplo conhecedor do variadíssimo repertório dos *standards* e compositor de grande e singular sensibilidade, não admira que, para além de dirigir formações instrumentais próprias, de muito diferente configuração, Fred Hersch tenha tocado ao lado de grandes figuras do jazz, como Stan Getz, Joe Henderson, Art Farmer, Toots Thielemans ou Jane Ira Bloom, entre tantos outros.

De uma discografia volumosa e diversificada, alguns álbuns ficaram que retratam a multiplicidade dos seus interesses musicais: a trilogia *Songs Without Words*, *Leaves of Grass* (inspirado em Walt Whitman) ou *Night and the Music*, pertencem ao número dos mais inspirados.

Sobre Fred Hersch visite www.fredhersch.com

Only rare jazz talents can perform a long solo piano recital. A musician of impressive technical skill creating different emotional states, American pianist Fred Hersch is certainly one such rarity. He turns jazz variation and improvisation into creativity and instantaneous composition, using the piano as a veritable orchestra, with unmistakable originality.

He plays a wide repertoire of standards, and is also a composer of great sensitivity. So it is no surprise that he has not only led his own widely varying groups, but has also played with jazz greats like Stan Getz, Joe Henderson, Art Farmer, Toots Thielemans and Jane Ira Bloom. His albums include *Songs Without Words*, *Leaves of Grass* and *Night and the Music*.

Exposições

Koenraad Dedobbeleer

A Privilege of Autovalorization



La liberté d'erreur, 2007. Vista da instalação, Galeria Micheline Szwajcer, Antuérpia

EXPOSIÇÃO

DE 6 DE FEVEREIRO
A 18 DE ABRIL

Inauguração:
5 de Fevereiro, 22h00

Galeria 1
2 Euros · Bilhete único
para as exposições

Comissário Miguel Wandschneider

Composto em grande parte por objectos, esculturas e fotografias, o trabalho de Koenraad Dedobbeleer (Halle, Bélgica, 1975) procede de uma atenta observação da realidade urbana, da arquitectura e de objectos funcionais, mas também dos espaços expositivos e das convenções que presidem à apresentação da arte. O artista apropria-se de formas e objectos que encontra, submetendo-os a transformações, por vezes mínimas, através dos materiais que emprega na sua recriação, da associação a outros objectos e formas, de alterações de escala ou da utilização da cor. Mesmo quando os modelos apropriados se mantêm reconhecíveis, os diferentes modos de manipulação e descontextualização (entre os quais se conta a judiciosa inscrição das obras no contexto expositivo) conferem às suas obras uma qualidade eminentemente abstracta. Como esta exposição deixa transparecer, quer a consideração dos protocolos e dispositivos de exposição, quer a atenção à apresentação contingente e provisória das obras constituem dimensões fundamentais da sua prática artística. Reunindo mais de cinquenta peças realizadas desde 2003, esta é a mais extensa e complexa apresentação do trabalho de Dedobbeleer até hoje. Entre as suas exposições individuais nos últimos anos, salientam-se as que realizou na Georg Kragl Box (Viena, 2005), no Museum Abteiberg (Mönchengladbach, 2007), na Galerie Micheline Szwajcer (Antuérpia, 2007 e 2008), na Galerie Mai 36 (Zurique, 2008), na Galeria Carreras Mágica (Bilbao, 2009) e no Museum Haus Esters (Krefeld, 2009), esta última enquanto vencedor do Prémio Mies van der Rohe. São frequentes os projectos expositivos desenvolvidos em colaboração com outros artistas, entre os quais Anne Daems, Kristof van Gestel, Rita McBride e Asier Mendizabal. Em conjunto com o arquitecto Kris Kempe, publica o fanzine *UP*, cada número do qual incide sobre um ícone, não raramente pouco conhecido, da arquitectura.

Largely composed of objects, sculptures and photographs, the work of Koenraad Dedobbeleer (Halle, Belgium, 1975) is based on a close observation of urban reality, architecture and functional objects, but also takes into account the exhibition spaces and conventions that generally govern the presentation of art. The artist appropriates forms and objects that he comes across, submitting them to often minimal transformations, whether through the materials that he uses in their re-creation, their association with other objects and forms, alterations in their scale or the use of colour. Even when the appropriated models remain recognisable, the different modes of manipulation and decontextualisation (including the judicious insertion of the works in their exhibition context) afford his works an eminently abstract quality. Bringing together more than fifty works that he has produced since 2003, this is the most extensive and complex presentation of Dedobbeleer's work so far.

Conversa com
Koenraad Dedobbeleer
Sábado, 20 de Fevereiro,
17h00

Visita guiada
por Miguel Wandschneider
Sábado, 20 de Março, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 7 de Fevereiro,
7 de Março e 18 de Abril, 17h00

Asier Mendizabal

and/or



La Ruota Dentata, 2009

EXPOSIÇÃO

DE 6 DE FEVEREIRO
A 18 DE ABRIL

Inauguração:
5 de Fevereiro, 22h00

Galeria 2
2 Euros · Bilhete único
para as exposições

Comissário Miguel Wandschneider

Asier Mendizabal (Ordizia, Espanha, 1973) tem vindo a problematizar no seu trabalho o lugar político da arte a partir de uma crítica radical da ideologia (nos campos da cultura e da política) enquanto domesticação da potência do signo por um conjunto de significados estabelecidos e consensualizados nos quais um determinado colectivo se revê. Recusando o simplismo didáctico de uma arte de denúncia, assim como o papel do artista como representante (ou porta-voz) de grupos minoritários e marginais, Mendizabal aborda questões complexas relacionadas com o estatuto do documento, a relação entre signo e representação, ou as articulações entre consciência individual e consciência colectiva, tomando frequentemente como referência determinadas subculturas nos campos da música e da política. Deste modo, o artista reequaciona o legado (as possibilidades, mas também os dilemas e as aporias) do pensamento marxista, das vanguardas artísticas históricas, do cinema político e militante, da música rock e punk, ou da militância política de base, para colocar em perspectiva as complexas articulações entre o estético e o político. Em muitas das suas obras, a sua reflexão incide sobre a materialidade do signo, enquanto significante que se apresenta, por defeito ou por excesso, aquém ou além de significados adquiridos, irreduzível ao já representado e ao já pensado.

Asier Mendizabal (Ordizia, Spain, 1973) questions in his work the political role of art, proposing a radical critique of ideology (in the fields of culture and politics) as a means of domesticating the power of the sign through a set of established and generally consensual meanings in which a certain collective sees itself reflected. Rejecting the didactic oversimplification of an art of denunciation, as well as the role of the artist as a representative (or spokesperson) of minority and marginal groups, Mendizabal tackles complex questions related with the status of the document, the relationship between sign and representation, or the links between individual and collective consciousness, frequently taking as his point of reference specific subcultures in the fields of music and politics. In this way, the artist reconsiders the legacies (the possibilities, but also the dilemmas and the aporias) of Marxist thought, certain historical artistic vanguards, political and militant cinema, rock and punk music, or grass-roots political militancy, to put into perspective the complex articulations between the aesthetic and the political. In many of his works, he reflects upon the materiality of the sign, as a signifier that, through incompleteness or excess, either falls short of or goes beyond acquired signifieds, remaining irreducible to what is already represented and already thought.

Conversa com
Asier Mendizabal
Sábado, 6 de Fevereiro, 17h00

Visita guiada
por Miguel Wandschneider
Sábado, 13 de Março, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 7 de Fevereiro,
7 de Março e 18 de Abril, 18h00

Batia Suter

Surface Series



Vista da instalação na Culturgest Porto

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
ATÉ 16 DE JANEIRO

Entrada gratuita

Comissário Miguel Wandschneider

Desde o final da década de 1990, Batia Suter (Bülach, Suíça, n. 1967) realizou várias instalações *site specific* em que utilizou imagens fotográficas muito ampliadas para intervir de forma surpreendente na arquitectura do espaço expositivo. Nos últimos anos, a sua prática artística tem estado ancorada na reutilização de uma grande quantidade de imagens fotográficas encontradas em livros, seja em instalações ou tomando o livro como suporte (o belíssimo e premiado *Parallel Encyclopedia*, editado em 2006 por Roma Publications). Batia Suter põe em jogo procedimentos de montagem extraordinariamente inventivos através dos quais estabelece associações formais e semânticas entre as diversas imagens apropriadas. A instalação que agora realizou para a Culturgest do Porto constitui uma notável síntese entre as duas genealogias em que até agora o seu trabalho se bifurcou. Trata-se de uma sequência de fotografias, mais uma vez extraídas de livros, que redesenha o perímetro do espaço expositivo, construindo uma narrativa formal e onírica de extrema beleza que alude à história (imaginada) do edifício da Culturgest, mais particularmente, à passagem da natureza bruta à natureza domesticada.

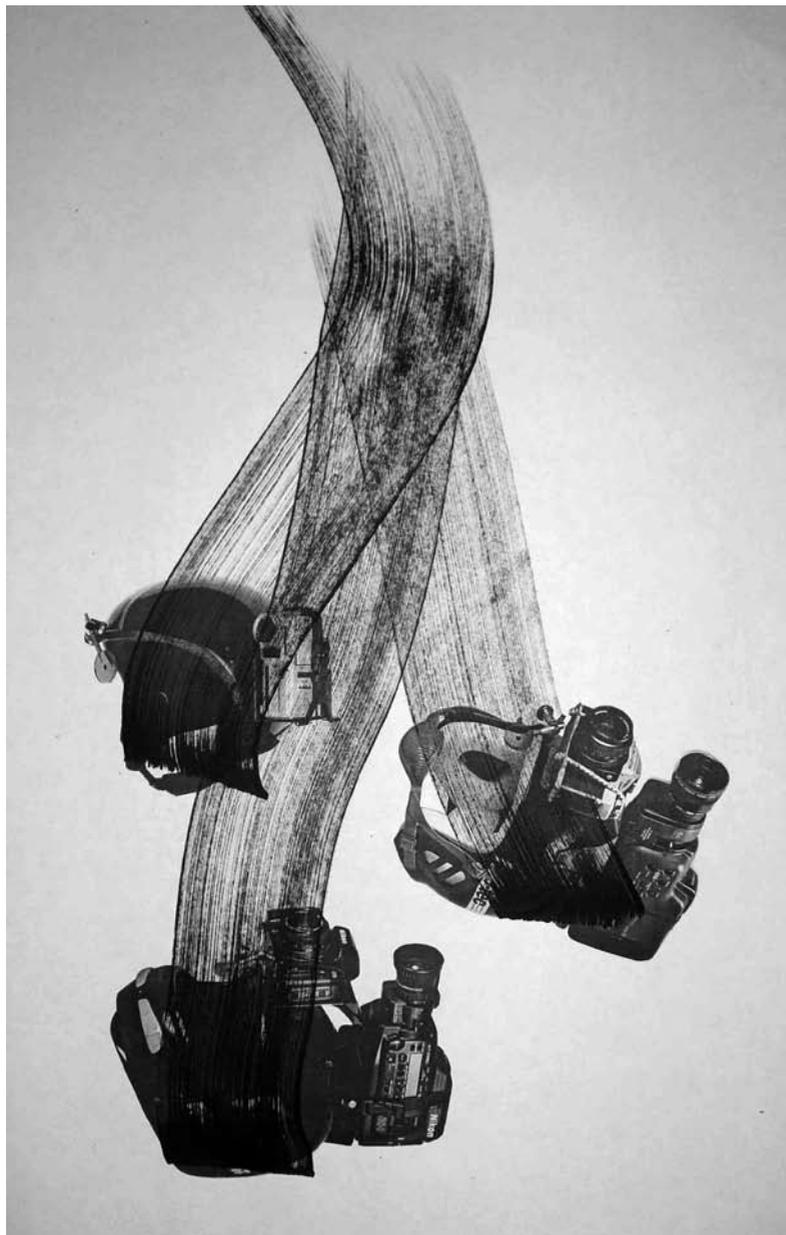
Since the late 1990s, Batia Suter (Bülach, Switzerland, b. 1967) has produced a number of site-specific installations, in which she has used greatly enlarged photographic images to effect some surprising interventions in the architecture of the exhibition space. In recent years, her artistic practice has been rooted in the re-use of a large number of photographic images found in books, whether in installations or taking the book as a support (the extremely beautiful and award-winning *Parallel Encyclopedia*, published by Roma Publications in 2006). Batia Suter brings into play extraordinarily inventive montage procedures, through which she establishes formal and semantic associations between the different images she has appropriated. The installation that she has now produced for Culturgest in Porto is a remarkable synthesis of the two genealogies into which her work has so far been divided. It consists of a sequence of photographs, once again taken from books, which redraws the perimeter of the exhibition space, constructing an extremely beautiful formal and dream-like narrative that alludes to the (imagined) history of the Culturgest building, but, in particular, to the passage from nature in the raw to a nature that has been tamed.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Alexandre Estrela

Supervisão Supervision



Da série *Supervisão*, 2003

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
DE 20 DE FEVEREIRO
A 10 DE ABRIL

Inauguração:
19 de Fevereiro, 22h00

Entrada gratuita

Conversa com
Alexandre Estrela
Sábado, 27 de Março, 17h00

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Comissário Miguel Wandschneider

O título desta exposição provém de uma série de desenhos sobre fotocópia, datados de 2003, que são agora mostrados pela primeira vez. Alexandre Estrela entrega-se nestes desenhos à exploração serial de uma mesma imagem (um corpo em queda) para abordar questões relacionadas com a gravidade, o peso e a velocidade. Trata-se de um corpo protésico, formado por um capacete de paraquedismo, uma câmara de vídeo e uma câmara fotográfica, que traz à memória o interesse recorrente do artista pelos limites da percepção e por experiências limite de percepção, frequentemente materializado no seu trabalho através de uma abordagem autoreflexiva das propriedades e das possibilidades do vídeo como *medium*, herdeira da tradição do cinema de vanguarda e experimental. A exposição engloba ainda duas obras recentes e inéditas que se inserem, de forma surpreendente, numa linhagem de peças em que o artista combina a imaterialidade da projecção de vídeo com um elemento material que produz um efeito escultórico, ao mesmo tempo que participa na construção da imagem. Nestas obras, Estrela volta a tomar como assunto fenómenos muito específicos que lhe permitem não só continuar a sua investigação em torno da percepção visual, mas também, e acima de tudo, suscitar uma experiência dessa ordem que só se torna possível no estrito âmbito de cada obra.

The title of this exhibition derives from a series of drawings on photocopies, dating from 2003, which are now being shown for the first time. In these drawings, Alexandre Estrela devotes his energies to the serial exploration of the same image (a falling body) in order to examine questions relating to gravity, weight and velocity. It is a prosthetic body, formed from a parachutist's helmet, a video camera and a photographic camera, bringing to mind the artist's recurrent interest both in the limits of perception and in limit experiences of perception, frequently materialised in his work through a self-reflexive approach to the properties and possibilities of video as a medium, pursuing the tradition of avant-garde and experimental cinema. The exhibition also includes two recent and previously unseen works that belong to a lineage of pieces in which the artist combines the immateriality of the video projection with a material element that produces a sculptural effect, while, at the same time, taking part in the image construction. In these works, Estrela once again takes as his subject very specific phenomena that allow him not only to continue his research centred upon visual perception, but also, above all else, to give rise to an experience of that same nature, which only becomes possible within the strict confines of each work.

Fernando Brito

Ich bin ein Baixinher

EXPOSIÇÃO

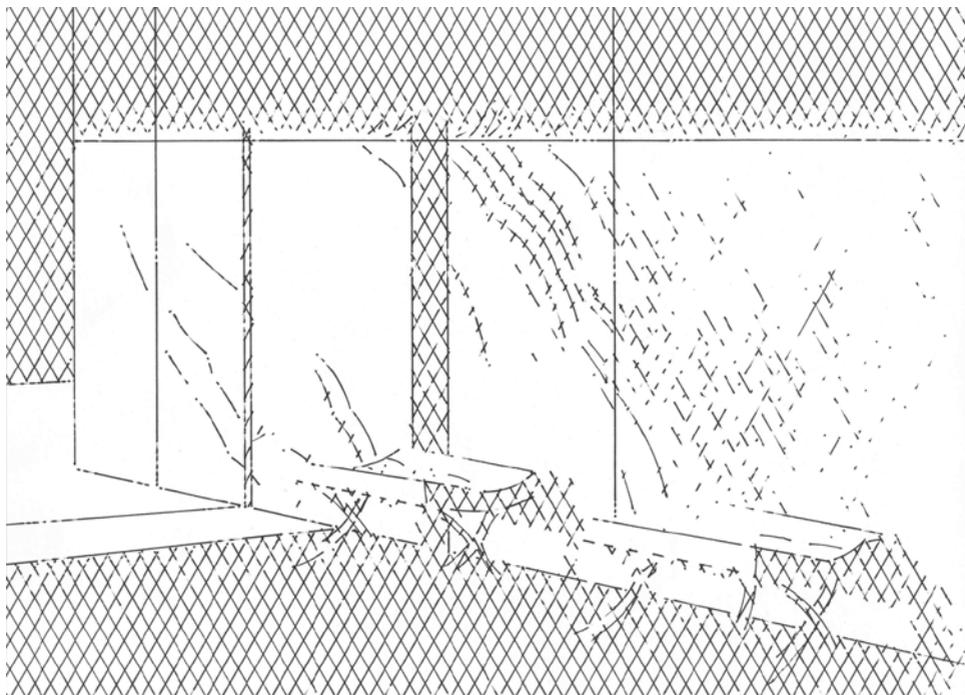
CHIADO 8
DE 1 DE FEVEREIRO
A 26 DE MARÇO

Inauguração:
29 de Janeiro, 22h00

Comissário Bruno Marchand

Na última década e meia, a obra de Fernando Brito (Pampilhosa da Serra, 1957) tem estado, em grande medida, ausente dos circuitos expositivos nacionais. Em virtude de uma auto-imposta reclusão, o artista interrompeu um percurso público que o vinha estabelecendo como uma das referências artísticas da sua geração, optando por remeter-se essencialmente ao trabalho em atelier e dedicar-se à investigação e ao estudo de autores canónicos da teoria da arte moderna. Licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1983, Fernando Brito desenvolve a sua prática em meios tão distintos como a pintura, o desenho, a banda desenhada, a escultura ou o vídeo, explorando um ecletismo que tende a boicotar a hipótese de reconhecermos uma inequívoca marca autoral nas suas obras. Uma parte muito considerável da sua actividade tem tido lugar no quadro de projectos colectivos como *Homeostética* (1982-1987), *Ases da Paleta* (1989) ou *Orgasmo Carlos* (activo desde 2003), em cujas acções se manifesta um profundo empenho em minar ou parodiar as mais enraizadas convenções de virtude, consequência e seriedade que habitualmente se associam ao mundo da arte. Constituída por três obras inéditas de cariz escultórico, a exposição que Fernando Brito propôs para o Chiado 8 é atravessada por esta energia subversiva e, principalmente, pelo seu interesse crítico nas mais enfáticas aspirações da modernidade. Extravassando o plano estrito da artes plásticas, *Ich bin ein Baixinher* apresenta três situações que convocam o espectador para a reconsideração de um projecto sócio-cultural já considerado defunto mas que, entre a promessa e o fiasco, não deixa de governar muito do nosso imaginário comum.

Since graduating from the Lisbon School of Fine Art in 1983, Fernando Brito has developed his artistic practice through such different media as painting, drawing, comic strips, sculpture and video, exploring an eclecticism that tends to rule out the hypothesis of our recognising an unequivocal mark of authorship in his works. A very considerable part of his activity has taken place within the framework of collective projects, such as *Homeostética* (1982-1987), *Ases da Paleta* (1989) or *Orgasmo Carlos* (a project that has been in progress since 2003), where we can note a profound commitment to undermining or parodying the deepest-rooted conventions of virtue, consequence and seriousness that are normally associated with the world of art. Consisting of three sculptural works that have never previously been shown, the exhibition that Fernando Brito has proposed for Chiado 8 is imbued with this same subversive energy, mainly displaying his critical interest in the most emphatic aspirations of modernity. Taking us beyond the strict confines of the visual arts, *Ich bin ein Baixinher* presents three situations that call upon the spectator to reconsider a socio-cultural project that has already been considered defunct, but which, lying somewhere between promise and fiasco, nonetheless continues to govern much of our collective imagination.



Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Comissário: Pedro Lapa

Exposição itinerante

Centro Cultural Palácio do Egipto, Oeiras
17 Abril - 20 Junho 2010

Museu Grão Vasco, Viseu
18 Setembro - 21 Novembro 2010

Museu de Aveiro, Aveiro
4 Dezembro - 13 Fevereiro 2011



Jorge Queiroz, Sem título (elemento de uma série de 16 desenhos), 2005 · N.º inventário 601999 · Fotografia: DMF, Lisboa

Serviço Educativo

Koenraad Dedobbeleer

A Privilege of Autovalorization

Exposição
6 Fevereiro - 18 Abril · Galeria 1

Para mais informações sobre Koenraad Dedobbeleer veja o texto descritivo sobre este artista na secção de exposições deste programa.

Actividades para adultos

Visitas guiadas

Domingos, 7 de Fevereiro, 7 de Março e 18 de Abril, 17h00

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo
Marcação prévia · 1 Euro
Duração: 1h00 (aprox.)

Para dar com a língua nos dentes...

Pré-escolar e 1º ciclo
Visita jogo de exploração e análise em torno das esculturas da galeria 1. As dinâmicas da visita são dedicadas à oralidade, à crítica, à análise da obra de arte e à partilha das observações de cada um.

Visita oficina

1º ciclo
Oficina de expressão prática em sala própria. Inclui a visita jogo. Lotação: 15 inscrições. 2,50 Euros. Duração: 2h00 (aprox.)

Para dar o corpo ao manifesto

Pré-escolar e 1º ciclo
Visita jogo dedicada à análise, através do movimento corporal, da exposição das obras de K. Dedobbeleer.

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo
Disponível mediante marcação de visita jogo à exposição.

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a no acto de marcação da visita.

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para jovens e adultos

Visitas jogo à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Marcação prévia · 1 Euro
Duração: 1h30 (aprox.)

Um artista que se está nas tintas para a tinta?

2º e 3º ciclos
Será possível um artista não se preocupar com tinta? Como será isso?
Nesta visita jogo vamos explorar o universo das fantásticas esculturas e instalações de K. Dedobbeleer.



Ver com olhos de Ver
Ensino secundário
Nem sempre olhamos com toda a nossa atenção...
Esta visita jogo explora a História da Arte e a importância de Olhar a partir das obras do artista em exposição na Galeria 1.

Visita oficina

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Oficina de expressão prática em sala própria. Inclui a visita jogo. Lotação: 15 inscrições. 2,50 Euros. Duração: 2h00 (aprox.)

Visitas guiadas ao ensino superior

Marcação prévia · 0,50 Euros
Duração: 1h30 (aprox.)



Asier Mendizabal

and/or

Exposição
6 Fevereiro - 18 Abril · Galeria 2

Para mais informações sobre Asier Mendizabal veja o texto descritivo sobre este artista na secção de exposições deste programa.

Actividades para adultos

Visitas guiadas

Domingos, 7 de Fevereiro, 7 de Março e 18 de Abril, 18h00

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo
Marcação prévia · 1 Euro
Duração: 1h00 (aprox.)

Falar pelos cotovelos e trocar por miúdos!

1º ciclo
Podemos falar dentro de uma galeria de arte ou de um

museu? Que tipo de assuntos irão surgir? A tua opinião é importante!

Mala pedagógica

1º ciclo
Disponível mediante marcação de visita jogo à exposição.

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a no acto de marcação da visita e venha levantá-la na Culturgest.

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para jovens e adultos

Visitas jogo à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Marcação prévia · 1 Euro
Duração: 1h30 (aprox.)

Tim tim por tim tim

2º e 3º ciclos
Partindo da exposição patente na galeria 2 e explorando muitas das actividades que podemos fazer dentro de uma galeria de arte vamos

La Ruota Dentata, 2009

partilhar novas opiniões sobre as obras de arte como se de autênticos críticos de arte nos tratássemos.

Pôr os pontos no i (de instalação)

Ensino secundário
Uma instalação mostra-nos a realidade? Vamos debruçar-nos sobre o trabalho de Asier Mendizabal e compreender o registo artístico na era contemporânea.

Visita oficina

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Oficina de expressão prática em sala própria. Inclui a visita jogo. Lotação: 15 inscrições. 2,50 Euros. Duração: 2h00 (aprox.)

Visitas guiadas ao ensino superior
Marcação prévia · 0,50 Euros
Duração: 1h30 (aprox.)



OUTRAS ACTIVIDADES PARA ADULTOS

Oficinas práticas para adultos
Marcação prévia. 5 Euros (cada sessão). Duração: 2h30 (aprox.)

Koenraad Dedobbeleer
A Privilege of Autovalorization
Galeria 1 · Sábados: 13 e 20 de Março, das 15h00 às 17h30
Quintas-feiras: 8 e 15 de Abril, das 18h30 às 20h30
Concepção e orientação
Maria do Carmo Laginha Rolo

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, trabalha na área da educação artística. Colabora com diversas entidades desenvolvendo actividades em áreas tão variadas como as artes plásticas e o ambiente.

Quer realizar estas oficinas mas não tem disponibilidade para as datas divulgadas?

Estamos a criar uma bolsa de interessados para organizar estas oficinas noutras datas. Contacte-nos!

Para saber mais sobre estas oficinas... Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt ou contacte-nos directamente! Telefone: 21 7619078 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

OUTRAS ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

Celebra o teu dia de anos com arte

Sala própria · Galerias 1 e 2
Dos 5 aos 12 anos
Marcação prévia · 175 Euros (por grupo) · Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças)
Duração: 2h30 (aprox.)

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas vem realizar uma oficina e torna a tua festa de anos num encontro inesquecível para todos.

Em todas as temporadas temos novas actividades para todas as idades. Contacte-nos e consulte as actividades disponíveis para a data pretendida.

Sábados à tarde: O ar dos artistas

Oficinas práticas · Dos 7 aos 12 anos · Marcação prévia 15 Euros (4 sessões) 5 Euros (por sessão)
Convidámos vários artistas para, aos sábados à tarde, ajudarem os meninos a olhar de uma outra forma e a formar um novo olhar a partir das exposições patentes nas nossas galerias de arte.



Sábados em Fevereiro

6, 13, 20 e 27 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

Oficinas de expressão plástica que têm como inspiração a exposição patente na Galeria 1. Nestes sábados vamos partir das fantásticas esculturas de Dedobbeleer e voar para novas e inesperadas construções.
Concepção e orientação
Maria do Carmo Laginha Rolo

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, trabalha na área da educação artística. Colabora com diversas entidades desenvolvendo actividades em áreas tão variadas como as artes plásticas e o ambiente.

Sábados em Março

6, 13, 20 e 27 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

Estas quatro oficinas têm como inspiração a exposição patente na Galeria 2. Nestes sábados vamos jogar com a expressão plástica e com a prática da instalação! Partindo da inspiração dada pelo artista Asier Mendizabal vamos compreender a importância do pensamento crítico na vida e na arte.
Concepção e orientação
vários colaboradores



FÉRIAS DA PÁSCOA NA CULTURGEST

Actividades para inscrições individuais

De 29 a 31 de Março de 2010

Dos 4 aos 6 anos

Dos 6 aos 10 anos

Dos 10 aos 14 anos

Oficinas de 3 sessões
28 Euros

De 5 a 9 de Abril de 2010

Dos 6 aos 10 anos

Dos 10 aos 14 anos

Oficinas de 5 sessões
40 Euros

Desconto de 30% aos colaboradores da Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do segundo filho.

Almoço disponível apenas para os meninos inscritos o dia inteiro nas oficinas, mediante marcação prévia e sujeito a lotação.

A partir de 1 de Fevereiro consulte o link do serviço educativo em www.culturgest.pt e veja as propostas que agendámos para esta temporada!

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

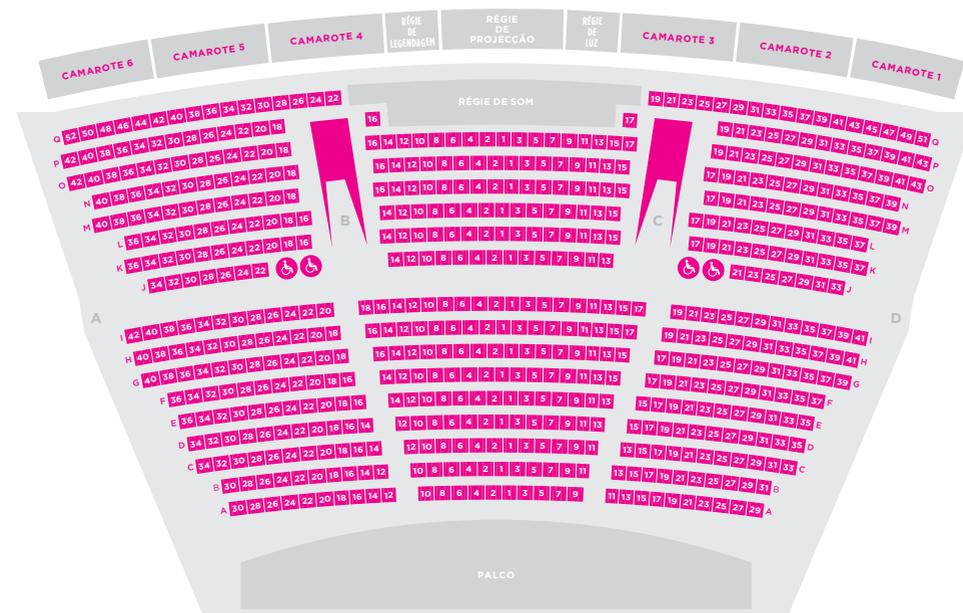
Alice Neiva
Ana Rita Teodoro
Bruno Marques
Carmo Rolo
Catarina Santana
Crescer Teatrando
Diana Ramalho
Irina Raimundo
Isabel Gomes
Joana Batel
Joana Ratão
José Mateus
Mariana Lemos
Nuno Palha
Pietra Fraga
(assistente de produção)
Raquel Pedro
Raquel Ribeiro Santos
(coordenadora)
Ruy Malheiro
Sílvia Moreira
Susana Alves
Susana Anágua
Tiago Pereira
Yola Pinto

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

Telefone: 21 761 90 78
(10h-12h30/14h-17h30)

Fax: 21 848 39 03

culturgest.servicoeducativo@cgd.pt



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h00 até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições patentes: de segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições patentes. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade / Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive** e **Caixa Woman** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade / Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h00 às 18h30. Sábados, Domingos e Feriados, das 14h00 às 20h00. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Avenida da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Avenida de Roma 7, 35, 727 e 767; Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00 (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 8116

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita, Ag. Abreu, Megarede e www.ticketline.sapo.pt
Reservas Ticketline: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Programa sujeito a alterações.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

APOIOS



ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest
Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00
(Última admissão às 18h30).

ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.

Sábados, domingos e feriados, das 14h00
às 20h00 (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h até à hora de
início do mesmo. Nos períodos em que não
há exposições patentes: de segunda a sexta-
feira das 11h00 às 19h00. Sábados, domingos
e feriados das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00.
Encerra à terça-feira e nos períodos em
que não há exposições patentes. Sábados,
domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se
bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espectáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00
às 18h00 (última admissão às 17h45)

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados.

Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa

Telefone: 21 323 73 35

www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés,

C.C. Dolce Vita, Ag. Abreu, Megarede

e www.ticketline.sapo.pt

Reservas Ticketline: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2010

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo